

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras



Nº 3

Manaus—Amazonas



Fevereiro—1955

PATRONOS E OCUPANTES DAS NOSSAS POLTRONAS

CADEIRAS	PATRONOS	OCUPANTES
nº 1	Gonzaga Duque	Pericles Moraes
nº 2	Euclides da Cunha	Dom Alberto Gaudêncio Ramos
nº 3	Raul Pompéia	Agnello Bittencourt
nº 4	Sílvio Romero	(vaga) - - ALFREDO DA MATA
nº 5	Martins Júnior	André Vidal de Araujo
nº 6	Eduardo Prado	José Jorge de Carvalho
nº 7	Maranhão Sobrinho	Alvaro Maia
nº 8	Torquato Tapajós	Antônio Mavignier de Castro
nº 9	Machado de Assis	Felix Valois Coelho
nº 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
nº 11	José Veríssimo	Djalma Batista
nº 12	Sousa Bandeira	Mithridates Alvaro de Lima Corrêa
nº 13	Tobias Barreto	Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro
nº 14	Adolfo Caminha	Moacyr Rosas
nº 15	Tomás Lopes	João Mendonça de Sousa
nº 16	José do Patrocínio	João Leda
nº 17	Francisco de Castro	Leôncio de Salignac e Sousa
nº 18	B. Lopes	Aristophano Antony
nº 19	Oswaldo Cruz	Genesino Braga
nº 20	Afonso Arinos	Padre Raimundo Nonato Pinheiro
nº 21	Tenreiro Aranha	(vaga) - - LEOPOLDO PÉRES
nº 22	Farias Brito	Manuel Anísio Jobim
nº 23	Cruz e Sousa	Nunes Pereira
nº 24	Joaquim Nabuco	Sadoc Pereira
nº 25	Aluísio Azevedo	Raul de Azevedo
nº 26	Raimundo Corrêa	Waldemar Pedrosa
nº 27	Lafayette Pereira	Washington Cesar Mello
nº 28	Anibal Teófilo	Hugo Bellard
nº 29	Capistrano de Abreu	José de Castro Monte
nº 30	Tito Livio de Castro	Thiago de Mello



REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada em 1.º de Janeiro de 1918
Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil
SÉDE PRÓPRIA: — Rua Ramos Ferreira — MANAUS

ANO XXXVII
1955



Manaus

—

Amazonas

A ATUAL DIRETORIA QUE REGE OS DESTINOS

DA

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Presidente — PERICLES MORAES

Vice-presidente — JOÃO LEDA

Secretário Geral — ARTHUR VIRGILIO C. RIBEIRO

1º Secretário — Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO

2º Secretário — MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Bibliotecário — WASHINGTON CESAR MELLO

Tesoureiro — MOACYR ROSAS

PRESIDENTE DE HONRA
General NELSON DE MELO

* * * * *

OBSERVAÇÃO: O mandato da referida Diretoria, eleita no dia 3 de Maio de 1951, manter-se-á até o dia 3 de Maio de 1956, quando se realizarão novas eleições.

TOMBO
2013.62

REVISTA

DA

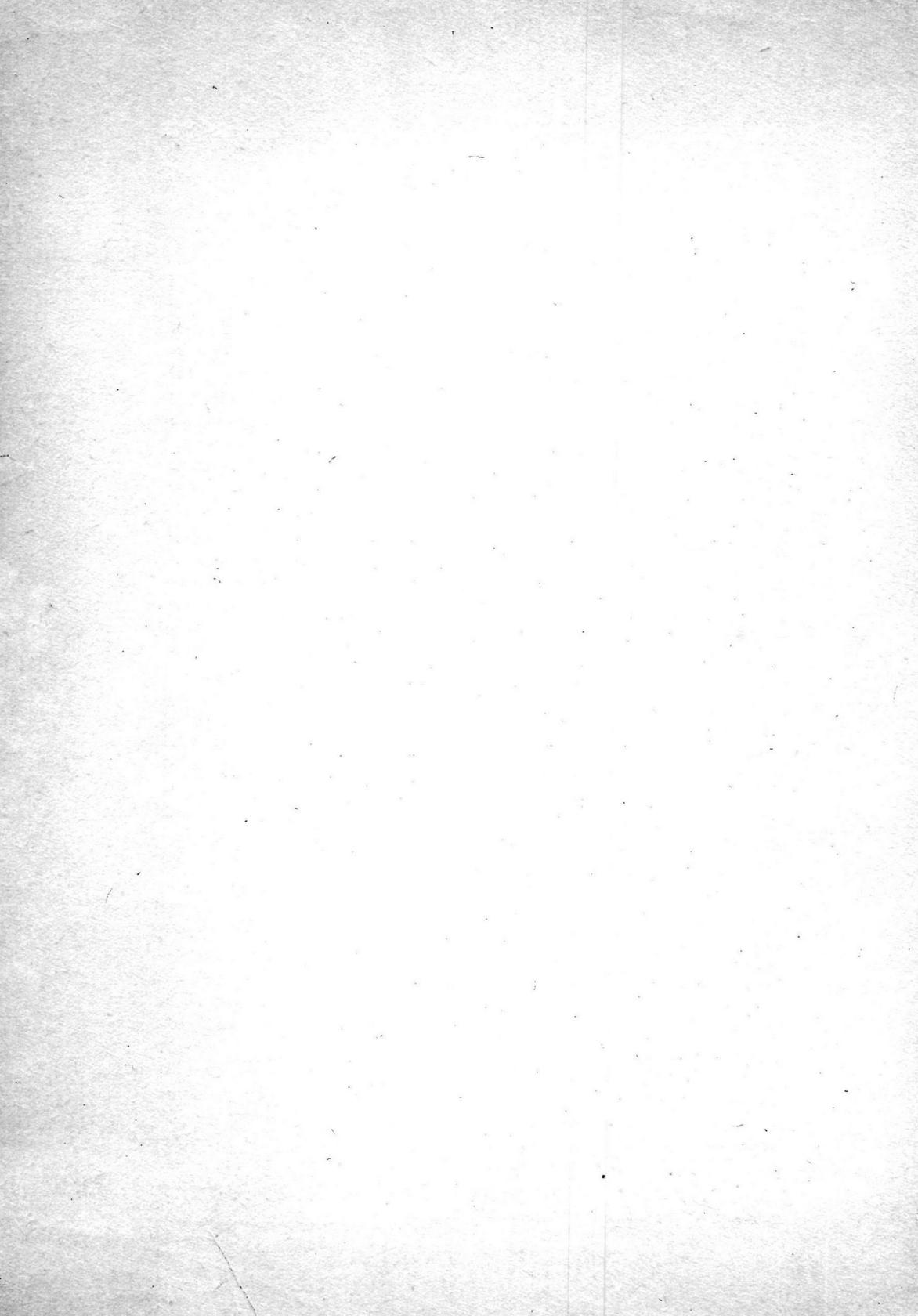
Academia Amazonense de Letras

SUMÁRIO:

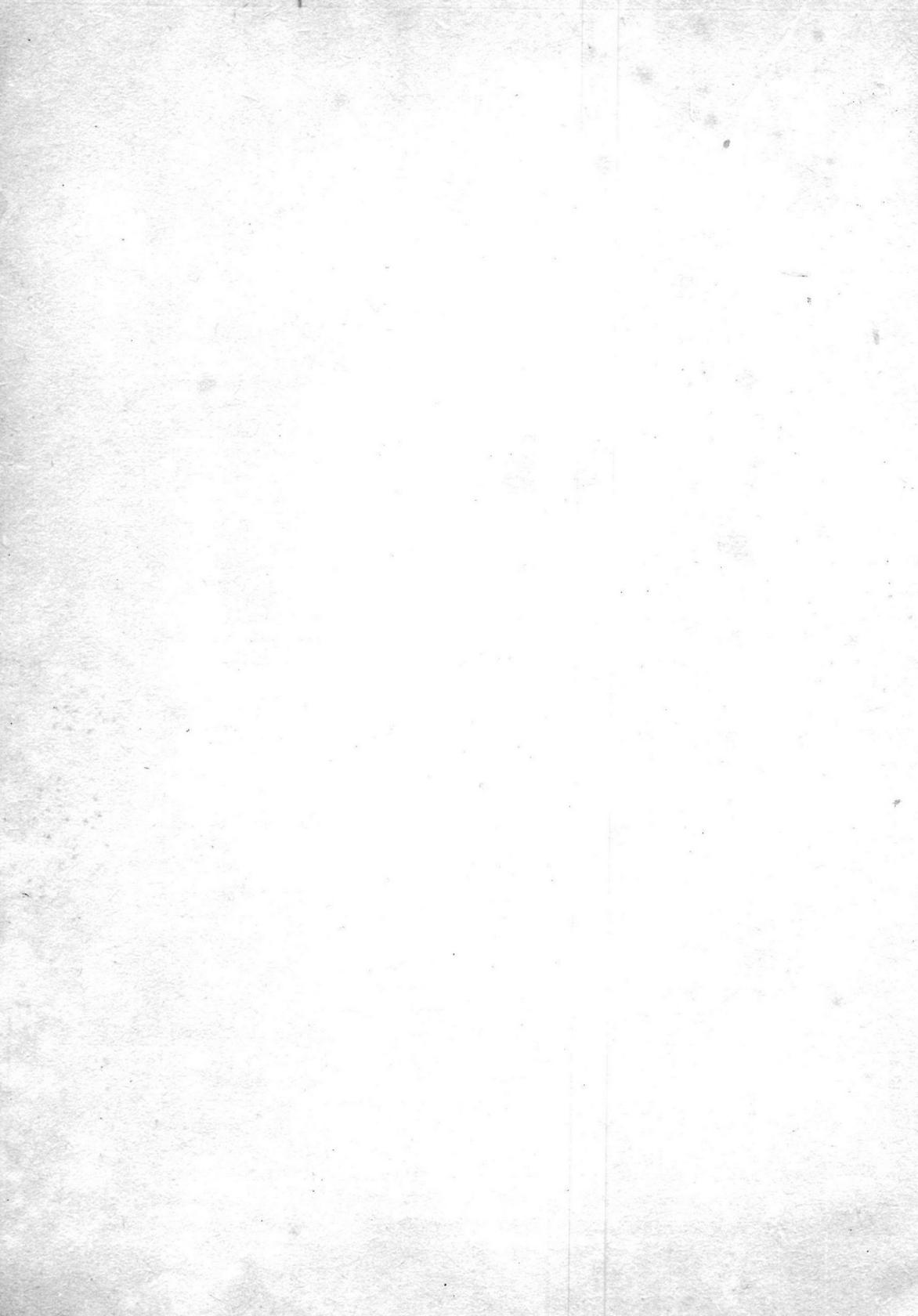
Introdução.

Retrato de Adriano Jorge.

	<i>Págs.</i>
<i>Legenda heróica de uma vida. — Pericles Moraes</i>	9
<i>Elogio da língua portuguesa. — Padre Nonato Pinheiro</i>	15
<i>Significação do movimento modernista. — Mendonça de Sousa</i>	17
<i>Conceito de cultura. — Djalma Batista</i>	23
<i>Os Idolos. — Mário Ypiranga Monteiro</i>	26
<i>Da Vinci — mito ou paradoxo? — Moacyr Rosas</i>	32
<i>Mística e poesia de Ruysbroeck. — André Araujo .</i>	39
<i>Imortalidade. — Mithridates Corrêa</i>	45
<i>Paulo Bonavides, ensaista literário. — Aristophano Antony</i>	46
<i>Léa. — Raul de Azevedo</i>	50
<i>Deusa Imortal. — Félix Valois Coelho</i>	54
<i>Uma página antológica de Leopoldo Péres</i>	58
<i>Celso Vieira. — Washington Melo.</i>	60
<i>As vestiduras. — Thiago de Mello</i>	63
<i>Mutações geofísicas da paisagem amazônica. — Mavignier de Castro</i>	66
<i>João Leda e o espírito moderno. — Pericles Moraes</i>	69
<i>Noticiário</i>	76
<i>Vida Acadêmica</i>	77
<i>Ofertas à nossa Biblioteca</i>	84



A Revista da Academia Amazonense de Letras, depois de longos e sucessivos colapsos, retoma hoje, definitivamente, o posto que lhe compete na história da evolução cultural planiciária. Todavia, não foi sem o impulso de tenazes esforços e obstinada resistência, que lográmos transpôr os estorvos de um itinerário crucial, ouriçado de perigos e decepções. Sòmente os que vivem no Amazonas e lhe conhecem a realidade da ambiência mesológica, saturada de prejuizos mesquinhos e recalques inconfessáveis, compreendem sem esforço que, além dos recursos escassos de que dispõem em nosso país as agremiações especificamente literárias, outros fatores, via de regra, concorrem, de modo idêntico, para a sua desagregação e conseqüente aniquilamento. Não foram poucos, por isso mesmo, os reveses que afrontámos, lutando contra a ironia desdenhosa de uns, as zombarias mal veladas de outros, e a prevenção acintosa da maioria, indiferente às iniciativas de índole intelectual. Eis, em síntese apressada, a patogênese das crises iterativas de nossa tribuna de publicidade. Seja, porém, como fôr, a Revista acadêmica não foi um sonho desmoronado e revive hoje na beleza e na plenitude de sua fecunda radiação espiritual, embora sem o lustre que singularizava os seus brilhantes colaboradores de outrora. Poderíamos aduzir que o seu advento, nesta hora de amargores, incertezas e inquietações para a nacionalidade, vale por uma atitude de renúncia e desprendimento. Documento do vigor e da fulguração da mentalidade amazônica, não tivemos outro intuito que não o de aperfeiçoar-lhe a contextura, procurando tanto quanto possível dar a medida exata e aferir a temperatura verdadeira do movimento de idéias e opiniões dos homens de pensamento e sensibilidade dêste rincão menosprezado dos confins do Brasil. Não era outra a nossa aspiração, em 1918, quando um pugilo de idealistas fundou a Academia. As suas ambições de glória dissiparam-se com a vertigem dos anos e poucos sobreviveram à tempestade. Sucumbiram quase todos em meio do caminho, sem vislumbrar sequer os cimos da montanha encantada. Os que ficaram, remanescentes de uma geração que encheu de orgulho as elites de nossa terra, reclamam apenas o privilégio de seguir-lhe os exemplos magníficos, preservando-lhe as honrosas tradições.





Dr. ADRIANO JORGE

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

Legenda heróica de uma Vida

PERICLES MORAES

A Academia Amazonense de Letras, prestando comovida homenagem à memória de Adriano Jorge, seu excelso e inolvidável Presidente, traslada para o pòrtico da Revista, como preito de saudade e adoração, a página que Pericles Moraes escreveu, fixando alguns lances impressivos de sua grande existência, justamente na hora em que se extinguiram para sempre os clarões da inteligência deslumbradora do mestre insigníssimo.

Nenhuma outra figura de sua geração exerceu maior influência entre os contemporâneos do que Adriano Jorge. A glória, como um talismã, aureolava-lhe a frente. Do fascínio da inteligência dessa criatura predestinada fluíam e refluíam as forças envolventes do seu prestígio. Ninguém o excedeu no império dessa dominação pessoal. Nem Heliodoro Balbi, cuja palavra ofuscante era uma dialética em ação. Nem Araujo Filho, a mais alta mentalidade jurídica de seu tempo, que pela imposição de uma cultura universalizada se destacou entre os mais notandos eruditos da época em que viveu. Saliento, de início, êsses dois grandes nomes pelas afinidades que os vinculavam. Adriano Jorge sobrelevou-se na admiração de quantos lhe sentiram os influxos magnéticos do espírito tentacular.

Homem de letras, jornalista, político, professor e médico, em qualquer dessas atividades intelectuais foi impressionante a sua atuação. Se me entrasse de ânimo acompanhar-lhe os itinerários da vida, páginas e páginas intensas e emocionantes eu teria que escrever, erigindo-lhe o perfil. Porque, em verdade, Adriano Jorge era como aqueles nadadores raros e ousados que, no dizer de Pontes de Miranda, mergulham e seguem pelas águas profundas, em pertinazes provas de fôlego. As ondas encrespadas do oceano não o atemorizavam. Afrontava o desencadear das borrascas como um espetáculo vulgar a que já se habituára a sua educação visual. As dubiedades, os recúos, as atitudes equívocas não eram da índole de sua estrutura moral. Nos dias trepidantes do "Correio da

Noite", reagiu e combateu a prepotência, insurgindo-se, através de requisitórios vitriolosos, contra a covardia dos governantes. Depois, em outubro de 1910, numa conjuntura de perigos e deserções, há um episódio, rememorado em um dos meus livros, que lhe dá a medida perfeita da intrepidez de posturas: "Quando o momento mais se agravava (referia-me ao bombardeio de Manaus), com a notícia que corria de boca em boca, de uma reviravolta iminente, subiu as escadas da redação uma figura árdega de mosqueteiro, olhos fusilantes, cabelos revoltos, a face túrbida e quixotesca. Era Adriano Jorge, Médico, de temperamento arrebatado, a experiência dos homens e de suas anomalias fizeram-no também especialista na diagnóstico e na patogenia das diáteses sociais. Como antídoto para aquele colapso pudendo trazia o veneno da toxicologia terapêutica: um artigo comburento, veementíssimo, sob sua assinatura, onde lhe transparecia a cólera ultrix, que se rematava por um desafio aos dominadores, responsáveis pela insânia de tamanha atrocidade. Não havia como travar a impulsão de tal investida. Subtraindo-o à censura, por um golpe de astúcia estampamô-lo no dia seguinte, como uma clarinada redentora".

Idealista à maneira de Barrês, incorporou o seu idealismo à ação combativa, estando sempre à frente dos movimentos reivindicadores, nos comícios da praça pública, onde o seu verbo estuava de indignação, profligando desmandos, e na imprensa, onde os seus panfletos se equivaliam a bombardas arrasadoras. Onde houvesse o perigo, lá se encontrava o preliador, superando tôdas as conveniências e arriscando a própria vida. Em defesa dos seus ideais e na trincheira do combate, era assim Adriano Jorge.

Se intentarmos visionar a figura do médico, — o maior dos médicos do seu tempo — aí encontraremos talvez os motivos que mais contribuíram para a exaltação coletiva de seu nome. Jamais lhe duvidaram da admirável proficiência clínica, sobretudo quando a gravidade das situações apelava para o seu diagnóstico irrecorrível. Exercendo a medicina pela volúpia de suavizar os males do próximo, como um novo São Francisco de Assis, êle não se quedava indiferente às angústias alheias. Era um médico com a hipertrofia da bondade, com o sentido inato do sofrimento humano e cuja caridade se exercia subpreticiamente, para que ninguém lhe soubesse dos extremos generosos do coração. Naquele consultório simples e modesto, ao lado da farmácia Barreira, onde o olhar poderoso do médico penetrava o visível e o invisível dos organismos, entre os ricos e os desfavorecidos da fortuna desdobrava-se-lhe a assistência humanitária. Foi sempre assim êsse carmelita de incomparável doçura espiritual, das ardentias da juventude, à maturidade, à serenidade da velhice.

Em 1918, quando o flagelo da gripe espanhola assolava a cidade,

exterminando vidas preciosas, a energia e o desprendimento heróico do médico extrapassaram os limites humanos. Arrancando à morte dezenas de contaminados, visitava-os a todos os momentos, levando-lhes de par com a sua presença confortadora os recursos inexgotáveis da ciência. A mim mesmo, desde o primeiro instante infectado e ameaçado de sucumbir, se estenderam os seus cuidados absorventes, salvando-me da voragem. Sómente hoje, post-mortem, assinalando êsse gesto inolvidável com ternura e gratidão, atrevo-me a divulgá-lo, já que em vida a sua bondade proverbial me proibira de o fazer.

Não desejo aprofundar-me na investigação das virtudes cavalheirescas dêsse homem singular que não conhecia o ressentimento e a inveja. Dispensô-me também de qualquer comentário exegético às transfigurações por que passaram o seu espírito religioso, já no crepúsculo da vida, quando numa crise final de penitência e humildade voltou-se para a Igreja. Nêste memorial de evocação e de saudade, prefiro distender as minhas lembranças em tôrno da palavra e do pensamento de Adriano Jorge, por entre os conspectos impressivos da sua mentalidade polimática, delineando-lhe as trajetórias da magnífica ascensão. Sem ter deixado um só livro, êle teria sido uma expressão culminante da cultura amazônica, quiçá de cultura brasileira dêstes dias, se o seu temperamento dispersivo não fôsse a causa do desperdício dos elementos essenciais que poderiam justificar-lhe o renome. Em todos os setores da inteligência e do saber era-lhe evidente a primazia intelectual, que o destacava entre os mais altos expoentes da sua geração. Mestre insigne do idioma pátrio e professor de História Natural, as suas preleções, na cátedra, valiam por paradigmas de cultura científica. Crítico de arte e crítico literário, os seus aresos faziam autoridade e a fôrça irradiadora de sua inteligência foi um instrumento de adaptação, depuração e remodelação das idéias. Ninguém o excedeu em descortino espiritual. Psicólogo supersensível, conhecia profundamente, nas configurações mais recônditas, a alma e o espírito das figuras que incidiam na sua visada, exaltando-lhes os primores individuais e ocultando-lhes as deficiências.

Filósofo, sociólogo, historiôgrafo, pedagogo, abalizado conhecedor das ciências morais e políticas, êsse homem notável, que morreu sem deixar para o julgamento dos pósteros a prova concreta de sua cerebração privilegiada, foi grande em tôdas as manifestações do pensamento, incluindo-se talvez entre os valores maiores da nacionalidade.

Era na função cerebral que residia a volúpia dionisíaca do seu espírito. Sirvo-me dêste conceito de Graça Aranha sôbre um dos grandes escritores franceses do fim do século passado, para aplicá-lo, como uma luva, à inteligência de Adriano Jorge. "Tudo, universo, sensações, formas, sentimentos, tudo transfigurava em idéias. Era a operação secreta

da sua sensibilidade. Esta apurava-se, extremava-se de tão vibrante tornava-se sedutoramente intelectual”.

Há, porém, que distinguir, neste depoimento apressado que apenas lhe servirá de introdução à futura biografia, o aspecto primacial de sua rebrilhante personalidade: a oratória. Adriano Jorge foi um dos maiores oradores do seu tempo. As orações modelaras que proferia eram tidas como obras-primas de equilíbrio, claridade, harmonia, resplandescência e perfeição. Eram jóias de requintado valôr, cujas variedades de facêtas enlevavam e seduziam. A Academia Amazonense de Letras, que se honrou com a sua presidência por mais de três décadas consecutivas, foi o campo de experimentação de suas justas tribunícias. Durante as nossas festas literárias, abrindo as sessões, a palavra disciplinada e disciplinadora deste mestre de eloquência arrebatava os auditórios mais prevenidos. Senhor absoluto da arte e da técnica de falar de improviso, a explanação das idéias, a originalidade dos conceitos, o colorido e o relêvo das imagens, a musicalidade da expressão verbal, — predicados imanes que contribuem decisivamente para o êxito dos oradores de raça, eram os atributos que concorriam e se harmonisavam para o milagre do seu verbo.

Entre as reminiscências inapagáveis de seus triunfos oratórios, assinalo a data em que a Casa de Nelson de Melo engalanou-se para celebrar-lhe o quinquagésimo sexto aniversário natalício. Não há notícia, nos anais da história literária do Amazonas, de torneio tribunício mais fulgurante. Também jamais a sua palavra teve maior influxo eletrizador. Extasiados com o esplendor daquele surto de tamanha beleza e inspiração, nós todos tivemos a impressão de que era um fenômeno sobrehumano aquêlê caudal de deslumbramentos. De outra vez, no Teatro Amazonas, saudando a cantora Bidú Sayão, a sua oração reverberante como um raio solar, tranfigurou-se num espetáculo apoteótico. Tãda a platéia, num só movimento vibratório, glorificou-lhe o nome, sob esfusiantes aclamações. Eu teria de alongar-me em citações similares, se fôssa lembrar-lhe a série inumerável dos êxitos de tribuna. Mas Adriano Jorge falava sempre de improviso, e os seus discursos, as suas cintilantes conferências literárias, à mingua de estenógrafos, se perderam lastimavelmente. A nossa proverbial displicência não se preocupou de perpetuá-lo, a êsse cabedal de arte e de cultura, que era o maior troféu de sua carreira de homem de letras, e que se esvaneceu e desapareceu na poeira dos anos. Hoje, infelizmente, o que resta dessa imensa glória? Há alguns meses, como um garimpeiro paciente, vivo a esquadrinhar bibliotecas e arquivos particulares à procura das pepitas de ouro de sua inteligência. Nada, nêsses jornais velhos, amarelecidos pelo tempo, que lhe fôsse a documentação do potencial de força, da inteligência e da cultura. Nada que lhe surpreendesse a supremacia do pensamento. Às

vezes, de raro em raro, um filamento luminoso, uma réstega de luz quase a apagar-se e que mal lhe trazia a erudição ciclópea. Relembro, por exemplo, os seus comentários eruditos, publicados há mais de 20 anos na "Equador", com referência a um terceto do canto I, do Purgatório, da "Divina Comédia", onde avultam os seus conhecimentos astronômicos.

Como quer que seja, a glória de Adriano Jorge há de perdurar enquanto subsistirem os depoimentos de seus coetâneos. Será exclusivamente pela tradição oral, pelo testemunho dos que lhe não esqueceram a prodigiosa mentalidade, que essa glória permanecerá.

Eu mesmo, nesta hora angustiosa de reminiscências, relembro-lhe alguns trechos da existência que bem lhe revelam a impressiva sensibilidade. A minha memória passa em revista os lances emotivos da vida desse homem singular cuja nobreza de sentimentos avultava como a característica predominante da sua configuração moral. Recordo que era D'Annunzio uma de suas impetuosas admirações literárias. Amava-o e exaltava-o por tôdas as formas. Conhecia-lhe a obra genial em profundidade e recitava-lhe de cór os poemas imortais. Por ocasião de sua morte, eu, que também era um fervoroso sacerdote do mesmo culto, tentei resumir-lhe a biografia espiritual num ensaio sem velocidades eruditas, publicado no vespertino de Aristophano Antony, depois inserido em Confidências Literárias. Adriano leu-o de um só hausto e, logo depois, vibrante de entusiasmo e de comoção, procurou visitar-me para trazer o seu abraço de simpatia e de aplauso. Recebi-o, a êsse Príncipe do Espírito, que se desgarrára da galeria de Mauclair, com o efusão que se recebe, após demorada ausência, um irmão queridíssimo. Adriano era um pilha elétrica. Sôbre o esteta suntuário de "Vitórias Mutiladas", por mais de meia hora discorreu fluentemente, com louvores imoderados. Sem proferir uma só palavra, com os olhos esgazeados, eu assistia impassível ao frêmito daquela sensibilidade superexcitada, que lhe refletia as fibras nervosas do temperamento. Sùbitamente aquêlê jôro estancou. Calado, emocionadíssimo, estreitou-me num grande abraço. Não me contive: — Adriano, eu tenho inveja da tua inteligência I. . .

A sua resposta foi uma galantaria generosa: — Nada tens por que invejar-me. Eu, sim, me envaideço de pertencer a geração que tu pertences. . .

E despediu-se, òs pressas, quase a correr, com a alegria do herói que se despoja de um brasão da sua heráldica resplendente para oferecê-lo ao companheiro derrotado.

Os últimos anos de Adriano Jorge. . . Com que infinita amargura, eu evoco essa fase melancólica de sua existência. A velhice encontrou-o sozinho, numa época de malversações e irreverências, que lhe não compreendia mais a complexidade do espírito filosófico, nem admirava a

lucidez de uma inteligência que, nos dias triunfais da mocidade, se consagrara inteiramente às puras sugestões da beleza.

Também, por sua vez, isolado em magnífica indiferença, Adriano Jorge não se apercebia, ou fingia não se aperceber, das restrições inflexíveis que lhe faziam à glória. A sua obra fragmentária perdida na transitoriedade do jornal, não era de molde a impor-lhe o valor da personalidade. Ninguém mais aludia aos fulgores daquela cerebração excepcional, de intuição quase divinatória, que sequer os mais corajosos, nos tempos do seu pontificado intelectual, ousavam opôr a mais vaga restrição. Adriano, nos dias crepusculares de sua vida, encontrava-se na situação de Kleist, de Holderlin e de Nietzsche, descrita por Zweig, no seu livro magistral: "mais abandonado que nunca, mais estranho à terra, mais solitário que no começo da vida". Sentia-se-lhe o arrependimento de não ter aprendido a viver, de não haver fixado na perpetuidade do livro as faúlas maravilhosas da inteligência. Dentro de mais alguns meses, restaria apenas a lembrança do médico, grande, generoso, humanitário. Porque ao outro, ao intelectual imenso que tanto enobreceu a sua geração, aplicar-se-ia a legenda, que, à morte de Empédocles, o prosador multifário de "A luta contra o demônio", gravou como um epitáfio: "o frio e a noite cobririam a terra, e a alma se fundiria na miséria, se os bons deuses não enviassem ao mundo tais adolescentes para rejuvenescer a murcha vida dos homens".

Grande Adriano Jorge! A nossa Academia, a Academia que viveu quase meio século sob o encantamento do teu espírito, jamais esquecerá o nome do seu incomparável animador. Sucedam-se as gerações e reajustem-se as idéias, modifiquem-se os itinerários do pensamento e ressurgam novas escolas e novos profetas, transfigurem-se os homens e descorriam-se novos horizontes para a grandexa do seu templo sagrado — tu serás sempre a legenda heróica de sua vida, a figura cósmica que do alto de outras esferas lhe anunciará a glória dos futuros destinos.

Elogio da Língua Portuguesa

Padre NONATO PINHEIRO

Bendita sejas, formosa língua portuguesa, para mim dentre tôdas a mais bela, a mais doce e a mais rica, que trazes na tua opulência carícias de brisas, perfumes de flôres, lampejos de sol, cintilações de estrêlas e afagos de bênçãos! Tu, que me embalaste o berço e me encantas continuamente o ouvido, recebe a expressão do meu afeto neste cântico que entôo à tua beleza peregrina e à tua fidalga majestade, ó princesa mimosa do Lácio, que implantaste em Portugal e no Brasil o império flamejante de tua realeza!

Bendita sejas, intérprete dos meus pensamentos, que com tuas vozes me encheste de melodia o desabrochar da existência! Cercaste-me o berço, povoando-o de harmonias como um ninho suspenso na fronde florida ou na copa musical do arvoredo. Ouvi os teus acentos e percebi a tua força na voz paterna; bebi as tuas bênçãos, olhei a tua ternura e respirei a tua fragrância nos lábios dulcíssimos de minha mãe. E assim, no lar, aprendi as primeiras palavras do teu opulentíssimo vocabulário, rezei a primeira prece, escrevi a primeira frase e entoei o primeiro cântico de minha infância!

Trouxeste-me no lar e na escola os primeiros clarões da ciência. Comunicaste-me no Templo as primeiras fulgurações da Fé, na pregação evangélica e nas aulas de Catecismo!

Bendita sejas, língua incomparável, princesa de estirpe latina, que guardaste jóias fulgurantes no escrínio d' Os Lusíadas, nas estâncias eternas de Camões; que fabricaste favos de mel na opulenta colmeia de Bernardes; que te cobriste de púrpura e cingiste diademas nos lábios privilegiados de Vieira, Alves Mendes e Monte Alverne; que te desentranhaste em rosas na pena primaveril de Latino Coelho; que saltaste em cascatas cristalinas da áurea boca de Ruy Barbosa; que pompeaste pura e elegante nos cálamos magistrals de Camilo, Castilho e Herculano!

Foste o bronze e o mármore impoluto com que o cantor d' Os Lusíadas perenizou o gênio lusitano em versos impercíveis

veis. Foste a clâmide da sublime arrogância de Vieira, enfrentando a Deus e excedendo-se a si mesmo naquele triunfo oratório pelo sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda. Levaste Monte Alverne ao púlpito após o silêncio prolongado de dezoito anos, acendendo-lhe nas pupilas mortas duas áscuas de fogo, naquele memorável panegírico de São Pedro de Alcântara, que foi a ressurreição, o triunfo, a glória, a consagração e a imortalidade de sua exuberante eloquência!

Orgulho-me de saber que és minha, ó língua soberana de Camões, Vieira, Bernardes, Luís de Sousa, Castilho, Camilo, Herculano, Latino Coelho, Machado de Assis e Ruy Barbosa!

Sinto-me feliz em usar-te no púlpito, para a demonstração dos tesouros da Fé e das belezas eternas do Evangelho de Cristo. Alegro-me em conduzir-te à tribuna nos meus lábios, e em levar-te à imprensa na minha pena!

Guardem França, Inglaterra, Alemanha, Itália e Espanha seus idiomas, que os não invejo, embora os admire, porque exhibes na tua policromia as belezas de tôdas as línguas, como o arco-iris detém no esplendor triunfal de suas galas a variedade de tôdas as côres!

És língua de heróis, de sábios e de santos. E, entre tantas outras, tiveste a honra insigne de ser falada pela Excelsa Mãe de Deus, nas aparições de Fátima!

Perdoa os deslises involuntários dos que te prezam e amam, e as irreverências sacrílegas dos teus mutiladores, cégos para a tua beleza e surdos para as tuas harmonias. Dá que te cultivemos com amor e carinho, ó língua incomparável, que nos empolgas nas soberbas tertúlias da inteligência, nos lábios dos grandes oradores, e nos sorris com infinita meiguice nas rodas musicadas das criancinhas! E como me embalaste o berço, peço que me enflores o túmulo, dizendo em português minhas últimas palavras e proferindo com lábios trêmulos a doce tristura do derradeiro "adeus"!

Sejas bendito, meu dileto idioma, que fornecestes matéria para o registo do meu nascimento, e hás-de oferecer substância para o epitáfio da minha sepultura!

Significação do Movimento Modernista

MENDONÇA DE SOUZA

Antes do movimento modernista de 22 a literatura brasileira, apesar das diferenças de nosso meio social, clima, língua, solo, hábitos, costumes e leis, não trazia o traço fundamental dessa reação convincente, afeiçoado a um Brasil íntimo, mais brasileiro que de subordinação à Europa ou aos Estados Unidos. Notou-se por isso, talvez, com razão, o fato dos escritores brasileiros, revelando o homem em plena harmonia com a natureza, pelo maior relêvo numa interpenetração de esforços nacionais, terem procurado sugerir novas fórmulas de criação artística: a das concernentes ao nosso meio social e a das oriundas de nossa miscigenação. O novo estilo artístico libertou-se, assim, do velho convencionalismo dominante no século XIX e primórdios da centúria ulterior. Era o progresso autônomo da nossa manifestação criadora, acompanhando a projeção universal de Santos Dumont e Rui Barbosa, como que a mostrar um povo consciente do seu destino e das suas características inconfundíveis. Objetivava-se, por fim, o colorido e o realismo que alguns escritores, romancistas e poetas deram a esse movimento nascido pobre e bem brasileiro nas favelas do Rio de Janeiro, nos latifúndios devorantes do Sul, nas caatingas do Nordeste e nos bravios seringais da Amazônia. Surgia, na exposição das nossas tendências emotivas, esse vigoroso idealismo que se incorporou naturalmente à inspiração nacional. Pela valorização da raça, repudiavam-se os velhos arcaísmos, os tabus do velho conservantismo numa literatura que era de todo mundo menos nossa. O Brasil mais cêdo ou mais tarde daria esse grito revolucionário. Todavia, foi Graça Aranha quem, como precursor do movimento modernista, nos levou a sentir que "cada um é livre de criar e manifestar o seu sonho, a sua fantasia íntima desencadeada de toda a regra, de toda sanção".

O tom representativo da nossa literatura, desde o ano de 1500 com a "Carta" de Pero Vaz de Caminha, passando por tôdas as escolas literárias até começos deste século, era

francamente liderado pela mais formal supremacia clássica. As imagens que buscávamos eram fiéis à sensibilidade dos Vieiras, ao idioma dos Bernardes, à percepção dos Castilhos, dos Camilos e dos Herculanos. Diga-se ainda, na política outro não era o nosso destino. Vivíamos numa evasão constante de nós mesmos, dos cenários maravilhosos das terras de Santa Cruz. Nossa existência artística, resumia-se nêsse estado de comunhão íntima com as idéias que nos caracterizavam. E não foi sem forte oposição que Graça Aranha conseguiu fazer refletir no pensamento dos nossos escritores este preceito, hoje altaneiro na história da poesia brasileira: "É provável que o nosso destino seja transformar de baixo acima este país, de substituir por outra civilização tôda a cultura, a religião e as tradições de um povo". Ao depender dêsse conceito, qual deveria ser a nossa escolha? Quando se tem como temos todos os trunfos para triunfar o pensamento não admite limites: impera ou renuncia. Alega-se, por isso, que o caminho glorioso de Graça Aranha vibra ao compasso de tudo que o rodeia. Tôdas as grandes coisas da natureza brasileira encontram écos através das considerações do seu lema: Tudo ou Nada. Para êle cada homem é um sultão de liberdade e cada coisa da nossa terra uma esperança maravilhosa. "O MEU PRÓPRIO ROMANCE", que a morte não deixou fôsse concluído, deveria ser o xeque-mate dessa ingratidão devotada à memória de um dos nossos mais notáveis escritores. Mas se a própria vida — como alguém já afirmou — nada mais é do que a consequência da luta permanente de elementos opostos que se ajudam e se destroem, então, nem êle mesmo, com seu último romance, poderia defender-se e explicar-se a si mesmo.

Na nossa modestíssima compreensão acreditamos que Graça Aranha, inteligência humaníssima e audaciosa, dedicando-se ardorosamente à vida intelectual, foi capaz em dado momento de monopolizar o sentido exato da realidade brasileira e tornar-se o intérprete admirável da nossa comunicabilidade artística. Em qualquer página do livro "O Espírito Moderno", êle nos faz sair inteligentemente do absoluto para o concreto. A intuição da sua arte de criar focaliza, com minudência de detalhes, o escritor familiarizado ao personalismo de uma verdade objetiva. O torneio em que se empenha tem por modelo perfeito esta compreensão indefectível: "Tudo é movel, tudo se esvai e tudo se transforma". Basta lembrar que a parte mais bela do intelectualismo graçariano é a que procura o caminho do espírito moderno. Tôda a sua obra exhibe um notá-

vel esforço de independência intelectual e renovação literária. Não foi apenas o pensador afeito a um nacionalismo fechado, mas, na verdade, o escritor que jamais se deixou perturbar pelos efeitos impressionistas e estrambóticos, isto é, sempre disposto a encontrar o mais amplo e o mais definido no renascimento valorizador das idéias. Desde seus primeiros escritos, quando ainda se conservava ligado à velha escola do Recife, face a face com uma civilização estática, encontrou sempre motivos para estabelecer uma conduta de compreensão do homem e da terra. No seu "Canaã", encontra-se a literatura que registra francamente os maiores problemas nacionais. Problemas determinados pelo valor da nossa composição étnica e pela importância das reais soluções que fazem a glória de um livro e de um autor.

E se volvermos o olhar para outros aspectos da existência, para a vida econômica, por exemplo, onde mais intensa é a luta e onde o conflito de interesses dá lugar aos mais graves problemas sociais dos nossos dias, chegaremos à conclusão de que "Canaã", com aparência renovadora, resurge neste realismo romanesco de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, Amando Fontes, Jorge Amado, Dalcídio Jurandir, Lúcio Cardoso, Rachel de Queiroz, Fran Martins e João Clímaco Bezerra. Além de imprimir uma unidade à literatura brasileira, "Canaã" levou Mário de Andrade a sentir essa influência renovadora. Por uma questão de época, "Os Sertões" de Euclides da Cunha não deve ser esquecido na sua idealidade e frêmitos irreprimíveis como coluna mestra do movimento modernista. "Carnaval" de Manuel Bandeira é mais chegado a este movimento de renovação literária oficializado pela Semana de Arte Moderna de 22. Foi o próprio Bandeira quem numa entrevista concedida a Almeida Fischer declarou: — "Não, não tomei parte na "Semana", mas sim no movimento renovador que dela resultou. A "Semana" é que me adotou, por acharem os seus promotores que o meu livro "Carnaval", publicado algum tempo antes, estava dentro do espírito modernista que pregavam". Depois dêsse acontecimento de repercussão nacional, o nome de Manuel Bandeira tornou-se sinônimo de excentricidade lendária. Hoje é ele proclamado, quase que unanimemente, como o maior poeta brasileiro. Sendo que, sem favor nenhum, devemos colocá-lo entre os dez primeiros grandes poetas de língua portuguesa. Sua poesia perante a história literária do Brasil é tremendamente rebelde, sob o ponto de vista interpretativo e psicoló-

gico. O fato é tanto mais notável quanto é certo sabermos que o poeta de "Libertinagem" foi recebido na Academia Brasileira de Letras pelo escritor Ribeiro Couto, com a última estrofe de seu poema "Irene no Céu": — "Entre, Manuel. Você não precisa pedir licença". Não há exagero na afirmativa. Manuel Bandeira, de fato, é um bardo sugestionado pelo caráter de transmissão de nossos estados d'alma e pela poesia vigorosa e vivida da natureza brasileira.

A despeito de tantas influências estranhas, compreende-se porque o seu estilo tumultuoso e dissoluto mereceu as melhores atenções dos modernistas de 22. E' que a vida do autor de "Cinza das Horas" é uma vida extraordinária. Poucos vates terão atingido tão renovadamente duas épocas distintas, duas correntes literárias, quanto êle. Para termos idéia do quanto vale "Evocação do Recife", basta compreendermos que essa pequena obra-prima representa os impulsos radicalistas do modernismo brasileiro. Observem os leitores: "A vida não me chegava dos jornais nem dos livros, / vinha da boca do povo, da língua errada do povo. / Língua certa do povo. / Pois êle é que fala gostoso o português do Brasil". Contudo, quem estuda os clássicos do modernismo não pode olvidar Cassiano Ricardo. Numa obra bem mais nacionalista, o autor de "Martim Cererê" é um bardo que nos mostra a sua interdependência na arte de representar a matéria e a forma. Ser poeticamente brasileiro foi tudo quanto desejou nestes versos: "O povo é poeta. Eu, não. Apenas restituiu/ As palavras ao clima/ de magia em que o povo/ as criou". Certo, um dia com mais vagar, faremos também questão de interpretar a obra de Mário de Andrade. Êle, o escritor que pulsava em representar sua epopéia de caráter social, revelou com visível amplitude a marcha do seu propósito revolucionário, tanto no seu fenomenal "Macunaima" como no seu dissoluto "Paulicéia Desvairada". Sua personalidade artística é tanto maior quando observamos o homem sentimental que êle foi, o escritor que vivia a mobilisar para si a dor e a angústia. E, nesse particular, sua consciência exprimia a mensagem social do poeta depurado no amor à sua terra. Tõda a sua obra, se não fõsse fõrça de expressão, poderia resumir-se neste verso notável: "São Paulo, comoção de minha vida!"

De certo modo, para melhor se apreciar o movimento modernista vale transcrever para aqui estas palavras de Tristão de Athayde: "Quando fizemos de Graça Aranha um mestre (que raros seguiram pois sendo o movimento uma

rutura com os velhos mestres dificilmente aceitaria novos) e recebemos "Paulicéia Desvairada" com aplausos e desafôgo, foi que viamos a aurora da reação anti-burguesa, contra o estado de espírito, portanto, que envelhecera prematuramente nossa adolescência". O mais curioso, porém, é que esse movimento revolucionário surge no Rio de Janeiro, em casa de Ronald de Carvalho, onde também estavam além de Mário de Andrade, Ribeiro Couto e Renato Almeida. E o principal assunto dessa reunião era a apresentação de "Paulicéia Desvairada", que no momento obtinha para a sua divulgação o consentimento de Manuel Bandeira, considerado desde 1919 reacionário das formas clássicas e fiel intérprete dos versos livres. E a impressão que se tem dêsse dia revolucionário é esta que ainda colhemos em Tristão de Athayde: "O modernismo foi a rutura. Foi a invasão dos novos bárbaros. Foi a aventura. Foi a derrubada dos ídolos. Foi a cruzada anti-burguesa. Foi isso o que nêle entusiasmou a nossa geração". E dizemos nós, foi o que levou Ronald de Carvalho, com seu alto poder inventivo, a tornar-se general de campo dessa revolução memorativa das nossas letras. Despresou o parnasianismo e o simbolismo para somente aceitar esse movimento que continua crescendo em todos os ramos da arte: literatura, música, pintura, arquitetura, e recentemente nos estudos científicos com Gilberto Freire, Frederico Barata, Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, Eurico Fernandes, Nunes Pereira, Manuel de Abreu, Fernando de Azevedo, Josué de Castro, Napoleão de Figueiredo, João Mangabeira, Mário Barata, Heloisa Alberto Torres, Gastão Cruls e tantos outros que não nos ocorre aqui mencionar.

Daqui se pode observar quanto o movimento de Graça Aranha influe na conduta intelectual da moderna literatura brasileira. De várias formas tem sido definida a posição do autor de "Canaã" dentro do movimento modernista. Naturalmente porque jamais se cançou de esclarecer que "tôda a marcha humana é uma aspiração de liberdade; esta é o verdadeiro apoio, o estímulo, a razão de ser de uma sociedade". "Quando a humanidade partiu do silêncio das florestas para o túmulo das cidades, veiu descrevendo uma longa parábola da maior escravidão à maior liberdade". E' certo que para penetrarmos no segrêdo da alma humaníssima de Graça Aranha, marcado entre o nativismo etnográfico e o movimento revolucionário de Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Mário e Oswald de Andrade, Guilherme e Renato Almeida,

precisamos dum senso de responsabilidade completo. Como pensador tem sido relegado a um esquecimento injustificável, tendo-se em vista que ao lado das idéias graçarianas vivem e morrem figuras representativas da moderna literatura brasileira. Tão grande foi a consciência modernista de Graça Aranha, que ainda agora "Canaã" vale como marco imperecível da literatura contemporânea. Finalmente, o que é mais para admirar, o mais extraordinário em tudo isto é que o grito de Independência ou Morte do Modernismo foi dado em São Paulo, na mesma terra onde um século antes Pedro I deu a autonomia política de todos os brasileiros. A proclamação do filho de D. João VI foi levada a efeito às margens do Ipiranga, no ano de 1822. A do imortal autor de "Canaã" fez-se no Teatro Municipal, exatamente no ano de 1922. Que bela coincidência! Que magnífico tema para um ensaio! Fica de pé, porém, a tentativa que fizemos para aqui registrar a significação do movimento modernista na história da literatura brasileira.

Conceito de Cultura

DJALMA BATISTA

Dois conceitos de amplitudes diferentes são apresentados em relação à cultura: de um lado o conceito puramente intelectualista; do outro, o antropológico. Um visando apenas o aspecto imaterial implícito na palavra; o outro, de mira mais larga, incluindo simultaneamente as atividades mentais e os elementos materiais que lhe são indissociáveis. O primeiro conceito, criado e defendido pelos autores franceses e alemães, resume-se nas palavras de Humboldt — cultura, estado moral, intelectual e artístico, “em que os homens souberam elevar-se acima das simples considerações de utilidade social, compreendendo o estudo desinteressado das ciências e das artes.” A segunda concepção, nascida com Tylor e os antropologistas de Oxford, e seguida no *American Museum of Natural History*, foi definida por Wissler — cultura, o modo de vida social, a parte do comportamento humano que, proveniente do meio exterior, material, intelectual e histórico, “faz dos indivíduos o que eles se tornam”.

Fernando de Azevedo, expondo no seu livro magistral, escrito à guisa de “Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil”, os pontos de vista citados, decide-se pelo sentido abstrato de cultura. Diz êle: “É um certo desenvolvimento do estado intelectual, o gosto e o interesse pelas artes e progresso das ciências, o que caracteriza a cultura, em que não é difícil reconhecer êsses elementos essenciais: 1) o esforço pessoal e coletivo em prol da libertação do espírito; 2) o desinteresse, isto é, por maiores que sejam as relações entre o útil e o belo, entre o útil e o verdadeiro, ela não visa diretamente fins utilitários; 3) o sentido de tradição humana que procura, consciente ou inconscientemente, como um ideal supremo, seja qual fôr a riqueza de seiva de que se alimentam as suas raízes mergulhadas no *humus* nacional. Conservadora e criadora de valores, longe de se confundir com a vida material, a técnica e a economia, é “um esforço da inteligência e da vontade para dominá-las e dirigí-las” (Arbousse Bastide) e elevar-se aos

deuses, isto é, "até os valores impessoais e eternos que se encontram acima dos homens e pôdem vir a uni-los um dia".

Belas e sugestivas expressões, com efeito, arrimadas no velho idealismo que teve em Arrousse Bastide o seu guardião devotado e brilhante, mas que já não satisfazem o espírito, nesta hora da evolução do pensamento e das idéias, em que o homem tem de ser conceituado a partir de suas raízes biológicas e sociais, e não apenas com sêr pensante, moral ou metafísico. Exatamente êste ponto é que se torna decisivo para entendimento da acepção antropológica de cultura, que não despreza o conceito clássico: parte, porém, como tôda a ciência, do concreto para o abstrato, por via dedutiva, do particular para o geral, de modo a chegar naturalmente à compreensão dos mais altos estádios da ascensão espiritual. Não é possível estudar o homem, na sua expressão cultural, que é uma cúpula a sintetisar a experiência individual e coletiva, alheando o mesmo homem do meio físico e da sociedade em que se forma e se desenvolve, da economia e dos fatores cósmicos e psicofisiológicos que contam, sem dúvida, de maneira decisiva, na existência dos seres.

Nesta ordem de idéias, podemos exemplificar com a formação brasileira: nela o grande elemento de construção foi a cultura européia, trazida pelo descobridor e povoador luso; pôde-se, entretanto, em sã consciência, desprezar a contribuição africana, que se entranhou, com o sangue, com o suor e com as próprias lágrimas, no desenvolvimento social, econômico e intelectual do país? pôde-se também julgar despicienda a achega cultural do ameríndio, a se refletir igualmente sôbre a vida social, econômica e intelectual do Brasil? E é certo que o gráu de cultura do negro era incomparavelmente inferior ao do branco, embora acima do do autóctone. Não que se tratasse, em relação aos elementos de côr, de raças inferiores, na velha e desmoralizada interpretação de Gobineau, que o nazismo erigiu em dogma político, felizmente banido da face da terra: não eram raças inferiores, eram culturas mais atrasadas! No cadinho antropológico brasileiro, não se formou apenas a mestiçagem racial de que resultam as grandes qualidades e os inegáveis defeitos do nosso povo nos tempos atuais: formou-se também um tipo nacional de cultura, que participa dos tres troncos formadores, mas que apresenta impressionantes marcas de autonomia e caracterização definitiva.

Na apreciação desta cultura brasileira, ser-nos-á lícito

ater-nos à invocação de nossa contribuição à literatura, às ciências e às artes, despresando a índole do povo, a sua situação sanitária e econômica, o seu padrão de vida e as suas condições de trabalho, a maneira de alimentar-se e de viver em sociedade? Na verdade tôdas estas cousas, e outras mais, reunidas, dão a fisionomia ântropo-cultural do brasileiro.

Há em Ortega y Gasset uma interpretação de cultura que nos satisfaz integralmente: "o sistema vital das idéias em cada tempo, ou o conjunto de idéias de que vive o tempo". Interpretação que ainda tem esta outra tradução: "conjunto ou sistema de idéias claras e firmes sôbre o Universo, convicções positivas sôbre o que são as cousas e o mundo". No meridiano pensamento do ibérico está dito tudo!

OS ÍDOLOS

Mário Ypiranga MONTEIRO

O título de um livro de Charles Richet nada tem com as referências aqui assinaladas; e estas com a galeria heróica de Carlyle. Os meus ídolos — santos e heróis, não constituem, do mesmo modo, uma racolta exhaustiva de todos os símbolos dignos de serem caracterizados num estudo de conjunto. Não fiz propositadamente um inventário dêsses caracteres, mas apenas tomei, ao acaso, alguns nomes que se elegem como figuras representativas da Humanidade, sem olhar por que caminhos alcançaram o ideal. A questão magna parte do ponto passivo da Moral que inspira a condição eminente: santidade e heroísmo. Também não há aqui um pretexto sólido para exaltar a santidade sublimada. Santos existem que não o são e heróis que poderiam ter sido, se circunstâncias outras não no impedissem. Todos os homens são santos e heróis em potência. Tenham ambiente e oportunidade e êles se revelarão, pelo sortilégio da inspiração das virtudes. Santos são todos aqueles que pautam seus atos na viril moralidade, como heróis são todos aqueles que sofrem e se rebelam contra a injustiça e deflagram atitudes contra os preconceitos. Lutam contra os vícios, os prejuizos, a dobrez, o silêncio das agonias alheias. Pelo matiz dos seus sofrimentos intimistas e os trabalhos em prol da humanidade, êsses santos e êsses heróis estão inspirando uma tentativa de exegeese. Isto basta como advertência.

Segundo a concepção de Pascal, para atingir um homem ao estado de santidade necessário se torna que êle esteja em graça e que seja santo. Ora, o homem em si mesmo já atingiu a graça, feito à imagem de Deus. O que se faz necessário para a obtenção da santidade é a graça da própria santidade, um atributo do Deus vivo que não precisa vir acompanhado da inteligência profana, digo, da cultura profana como elemento de libertação, pois que a inteligência é um atributo das cousas. A graça deve de ser, antes de tudo, a bondade integral,

secundada ou não pelo sofrimento: o amor. Nem todos os santos sofreram fisicamente, embora o tenham sofrido moralmente, pois que a própria bondade já é um sofrimento: o sofrimento de dar de si alguma cousa sem receber; de ouvir e calar sem reprochar; de humilhar-se sem exaltar-se; de descer ao limiar da miséria envolvente. As provações tôdas que a bondade aceita sem discutir são sofrimentos interiores que iluminam a vontade de praticar o bem em função do próprio bem. Só pela bondade integral o homem se santifica. Não falo, aqui, da bondade aleatória que se materializa pela vaidade e pelo cálculo. A bondade atual não explica completamente a graça de ser santo. Refiro-me ao exercício conciliatório da bondade integral, imanente, que não reconhece e nem mensura as fronteiras do tempo e do espaço e as dimensões da vontade. Dessa bondade que se cristaliza no amor sempre presente, que não é completo se não é iluminada pela vontade de praticar pelo bem.

Hà um plano de tangência entre a santidade e o heroísmo. O santo é um homem como o herói. Ambos são heróis pela dignidade com que se vestem, embora essa dignidade apresente traços de dessemelhança. Ambos, os dois, contudo, pairam acima do conceito comum que inspira o comportamento natural. O santo é um herói tranquilo, eminentemente introvertido na sua dignidade, premunido das forças robustecedoras da bondade integral. O herói é uma expressão social valorizada pela extroversão da bondade explosiva, ou de certos sentimentos, também de cunho explosivo, que concorrem para o conceito, falso ou real, de suas atitudes. O homem pode nascer santo, mas nunca nascerá herói. Herói feito. A santidade é um atributo divino. O heroísmo é um recurso humano. Todos os santos são heróis, mas poucos heróis vieram a merecer o galardão da santidade. Os heróis se fazem, são ocasionais. Os santos são feitos, são definitivos. Procure-se o heroísmo dos santos nas histórias da humanidade. Não aparecem, porque os heróis não se ombreiam com os santos no mesmo plano de ação contínua. Procure-se a santidade dos heróis na agiografia. Também não a encontrareis frequentemente, porquanto os santos não se filiam na mesma equivalente medida. E no entanto êles se podem unir naquele ponto exato da grandeza de suas causas, mas depois se repelem como forças extremadas.

Em que ponto divergem? Os santos são interessados. Os heróis são interesseiros. Representam o eixo que

mantem em equilíbrio a natação social. Só existem heróis porque existiram santos. Ambos polarizam a dignidade humana. Sem santos e sem heróis a humanidade morreria de tédio. A virtude dos santos e a glória dos heróis são portanto o meio-térmo aristotélico. Chegamos a um ponto em que necessário se torna especificar as forças orientadoras que impelem a santidade e o heroísmo. A santidade é governada pelo divino. O heroísmo é impellido pelo humano. O que é, no santo, uma vontade, no herói é um acidente. A conquista da santidade não se faz pelo caminho reto, direito, plano, sem rémoras, das ações meramente materiais, mas igualmente morais e espirituais. E' um tortuoso e estreito caminho que as virtudes, sòmente as virtudes, logram vencer, atingindo o ideal. A conquista do heroísmo dispensa virtudes porque realizado pela força. Tem muito de humano. A lógica do santo difere da lógica do herói: o santo não impõe, dá-se. O herói dispensa a humilhação de pedir: impõe. Também o santo nada reclama para si, mas implora pelos outros, o que é uma virtude. Ao contrário do herói, que nada reclamando para os outros, centraliza-se no seu egocentrismo e exige, o que é um defeito. E' por isso que os heróis aumentam quantitativamente, enquanto que os santos mingnam na razão inversa. Quem pede se humilha; quem impõe tiraniza.

Não precisa irmos longe para lobrigar a causa direta dêsses contrários. A resposta seria então: as atitudes elegendem. Os santos morrem pelo espírito. Os heróis pela matéria. O espírito é a religião do amor. A matéria é a pátria, uma noção duvidosa e limitativa. A religião é um universo moral. O interêsse é uma parcela diminuta, insignificante, dêsse universo. Os santos são universais, os heróis — nacionais. Quando êstes atingem a órbita da História, ou são esquecidos, ou repudiados, ou combatidos. Em que ponto nos interessa a virtude dos santos? Pela moral cósmica. E os heróis? Pelas virtudes materiais, materializadas pela conquista de um ideal efêmero. Tôda a glória de César não pode comparar-se e equiparar-se à santidade de Cristo. Êste foi um santo, uma religião, um universo moral, uma atitude renovadora que não passou e nem se perdeu: vivo, viverá, fora do cronicon indisciplinado, mas dentro do conhecimento pleno e absoluto da Humanidade. Aquele foi apenas um conquistador brutal, embora inteligente, e só isto. Não ensinou uma filosofia revolucionária, não ditou conceitos universais. Platão e Aristóteles são gênios maiores do que César. Êste sofreu materialmen-

te pela pátria. Cristo sofreu material e espiritualmente pela Humanidade. Que é do império de César? Degringolou, como matéria. Quem arruinará o império de Cristo? Nenhum general, nenhum filósofo, nenhum estadista subverterá esse império moral erguido sobre a Dor universal. César está apenas nas páginas da História, em crônicas mais ou menos defeituosas. A palavra de Cristo viverá pelos séculos, transfundindo exemplos.

As atitudes dos santos são inequívocas. Os exemplos dos heróis discutidos. Ninguém dirá que Francisco de Assis despacificou o mundo. Mas sabemos que Napoleão transformou a Europa num inferno de fogo, de fome, de misérias. Os santos morrem de uma vez, apenas materialmente, enquanto que os heróis desaparecem e são mortos em espírito, tantas quantas sejam as análises dos seus defeitos. Os santos são venerados pelas suas belas qualidades morais. Os heróis pelos seus gestos.

O ideário de um santo é a bondade integral. O programa de um herói é a violência. Quando Cristo verbera o ato violento de Pedro (*Qui gladio ferit, gladio perit*), está predeterminando a conceitualística da gravidade do ato puramente heróico (material), mas nada santificado, dada a imanência cristalina da sua bondade de santo.

E' verdade: os heróis são tão antigos quanto os santos. São iguais na ordem original. Caim, liquidando Abel, é um herói, de acôrdo com uma falsa concepção de heroísmo material, egocentrista. Mas Abel, na mesma ordem das ações, é um santo. Foi sacrificado pela sua conduta moral em relação à conduta moral de Caim. Conduta justificada pelo interesse, que é a marca dos heróis. Sócrates foi um herói santificado pelo seu ato de renúncia. Não foi canonizado, mas representa um símbolo.

O santo é sempre um sacrificado na sua dignidade congenial, mesmo não sendo imolado fisicamente. Predestinado à bondade, sua vida é uma perene fonte de perdões. A abstração de si mesmo, à renúncia aos direitos de participar da glória fútil do mundo (*Sic transit...*) deve a sua santificação. O herói não renuncia a glória e dela não somente participa integralmente como a reclama. As medalhas são sempre o preço das atitudes convencionais e devem soar bem forte aos ouvidos, estimulando novas oportunidades. As praças públicas exibem esses símbolos quixotescos em atitudes desproporcionadas. E os santos? Ide vê-los às igrejas, nos retábulos

ou nas bibliotecas, cercados de humildade pelas multidões. Quem clama pelos heróis? — Uma comunidade que às vezes ignora as suas atitudes. Quem invoca os santos? — A humanidade total. Nem sempre, porém, como disse, os santos estão nos nichos. Vezes encontramos-os fora dêles e podem chamar-se Colombo, Léon Bloy, Anchieta, Dostoievsky, Pascal, Swedemborg, Spinoza. Os heróis não possuem multidões de devotos, sim de raros basbaques que vão admirar o talho estético do bronze. Mas os santos não estão na via pública, impedindo o tráfego, e nem são admirados pelas suas qualidades simbólicas: são guardados no coração, peanha inabalável que as revoluções sangrentas não atingem.

E' que os santos são bons, inspiram apenas bondade. Os heróis só inspiram violência. O civismo, fórmula de egoísmo material que sugere sangue e movimentos oscilatórios da sociedade, — é o único traço que infibula o respeito aos heróis. Respeito, só, não adoração. Ora, o bem e o mal não se podem unir numa mesma representação de dignidade. Ou se é bom — e é santo, ou se é mau — e apenas herói. A frequência dos sentimentos de bondade integral elege o santo, que se torna um herói de outra maneira, em relação à causa e efeito dessa bondade. A mesma frequência de bons sentimentos pode elegeer o herói mas não santificá-lo se não estiver esculpida na sua alma a marca da santidade. Em todo caso não se nega que o herói pode vir a ser santo em função do próprio sentimento que modifica o interesse, e exemplos não faltam. Citaremos, entre outros, o heroísmo-santidade de Joana d'Arc.

Em que consiste a moral do santo? Na eloquência da santidade integral que governa o altruísmo dos seus atos. Os santos são robustos moralmente. Empregamos a metáfora, como quem está a dizer que a fortaleza do santo está na alma, não no corpo. O santo não pode participar dos desequilíbrios entre as relações íntimas de bondade e de maldade. O herói, por diverso modo, só se justifica pelos impulsos coerentes com a violência. Falhem êstes e deixa de ser uma força impelida para o ideal. E' movimento descontínuo, produto de uma coletividade exaltada.

O santo é um herói magnânimo. A sua heroicidade é tranqüila como a água que mana das fontes perenes da justiça. Não tem precipitações, nem arrosos, nem vórtices. Flui confidencialmente, alegrando a paisagem moral das multidões. A estampa do herói é terrível! Assemelha-se às catadupas, envolvendo-se, barulhando, rugindo precipitada numa fúria

destruidora. Os santos não derrubam impérios. Também os heróis não repousam em altares.

Aqueles que calcurriam pela vida sem fronteiras assinaláveis, com os olhos pousados em Deus e a alma em perene êxtase, não têm tempo para modificar a ordem dos seus heroísmos anônimos. A bondade integral, na sua fórmula ilimitada, é um atributo divino que não visa e divisa compensações. Depois de conhecer melhor a vida sacrificada dos santos, compreendemos porque a galeria dos heróis é mais frequentada pelos astutos. Realmente é mais fácil ser herói do que ser santo. A santidade não exige, renuncia, esquece os emolumentos da dívida contraída pelos heróis para com a Humanidade. Os homens se individam para com os heróis, mas nada devem aos santos.

Só existem santos porque existem sofrimentos. Só proliferam heróis porque abundam compensações. Poucos são aqueles, na verdade, que repudiam a si mesmos para aceitar o fardo dos destinos alheios. Cristo o dissera: Muitos serão os chamados; poucos os escolhidos. Aqueles escolhidos são os santos; os rebugados são os heróis cotidianos.

O santo busca a perfeição, e pela necessidade dessa perfeição chega até Deus. O herói sonha com a perfeição de um estado social, apenas, mas nunca vê logrado o seu ideal, falível como matéria. Pode, quando muito, ditar leis que assegurem um estado de felicidade prematuro, e essa felicidade não terá a duração necessária para se transformar numa piedosa comunhão de interesse integral, entre santos e heróis. Quando muito só de heróis. O que é essencialmente material é falível.

A santidade é absoluta. O heroísmo é relativo. O que há de absoluto na santidade é a sua ilimitação. A santidade não supõe limites e nem confinações na transição do material para o espiritual. O santo é bom em vida material e espiritual. Depois da morte continua obrando milagres. O herói somente opera milagres transitórios (quando beneficia a humanidade é apenas em grau limitado) em vida, numa determinada estação social. Nunca depois da vida. A imortalidade é privativa dos santos, mas certos heróis teimam em disputá-la a golpes de espada.

Da Vinci — Mito ou Paradoxo?

MOACYR G. ROSAS

Ainda me não foi possível explicar o motivo que contribuiu para a tumultuária personalidade de Leonardo Da Vinci exercer tamanha influência em mim mesmo. Procuo às vezes encontrar a fórmula esclarecedora desta causa nas inúmeras reproduções da *Santa Ceia*, que eu via, diariamente, ora suspensas nas paredes das casas residenciais de minha terra, ora nas páginas dos livros religiosos ou nos tratados das obras de arte. Depois, a interrogação, um pouco desabusada de minha adolescência, indagava com que autoridade o grande pintor arrumou os apóstolos à mesa, se os Evangelhos não cogitam na posição dos mesmos. Mais tarde, tive a impressão de ouvir as palavras de Édipo respondendo a pergunta da Esfinge impiedosa, quando me inteirei das versões que historiavam a maneira como foi pintado o afresco imortal. A cabeça de Cristo, ali representada, reza uma das variantes, pertence a um louro mancebo milanês. Conta-se que, certa manhã, Da Vinci, ao passar diante de uma capela, em Milão, ouvindo uma voz encantadora modulando hinos religiosos, disse de si para si: "O dono desta voz deve ter o rosto de Jesus". Sério problema, todavia, defrontou o insígne artista para demover o jovem da grande modéstia que lhe não permitia aceder ao convite para que seu rosto servisse de modelo ao de Jesus, quando a cabeça de Iscariotes, pertencente ao mesmo mancebo, que se tornara um ébrio habitual, meses depois por uma ironia do destino, se oferecia a Leonardo para posar em troca de insignificante remuneração. Oportunamente voltarei a falar dêste assunto. Tôda a obra e tôda a vida de Da Vinci, a suprema expressão mental da Renascença, estão envolvidas em nebulosidades históricas e fatos paradoxais. Nasceu dos amores ilícitos de certo fidalgo com uma campezina dos arredores de Vinci e a orfandade o surpreendeu em plena infância. A madrasta dá-lhe irmãos, os quais, escudados na lei, lhe usurpam tôdas as prerrogativas que, porventura, um verdadeiro pai possa legar a um filho órfão. Até do seu

apelido foi despojado e, por isso, o seu nome de batismo é seguido do da terra natal; enquanto que o nome paterno, embora identificado em nossos dias, depois de sepultado há vários séculos, jamais se ligou ao do filho genial. Assim, a ironia e o enigma serão a estrutura medular tanto de sua vida como das investigações dos seus biógrafos. Os contemporâneos, artistas, escritores e políticos, não o compreenderam. Do mesmo modo os seus sucessores ainda não o interpretaram definitivamente. Freud, num estudo fartamente documentado, abre novos horizontes para exhibi-lo ao mundo. Entretanto, quando êste cientista austríaco o denuncia de nunca se haver aproximado intimamente de mulher alguma, desautoriza milhares de páginas forjadas nêstes quatrocentos anos com as mais sadias das intenções. Ainda o mesmo Freud, reproduz em "Uma recordação infantil de Leonardo Da Vinci", um desenho do glorioso florentino, em que autentica uma ignorância crassa do áto fisiológico do amôr. Isto bastante nos surpreende, quando é useiro e vezeiro proclamá-lo a maior cerebração do fim da Idade-Média. Inteligência onímota, "cujos limites, segundo Burckhardt, apenas suspeitamos e nunca fixamo-los" atuaram decisivamente nas inovações pictóricas da Renascença italiana. Em contraste, só aquele fato basta para duvidarmos de sua tão decantada sabedoria. A primeira impressão que temos ao defrontar o legendário florentino, é a de que êle fosse um infatigável trabalhador. Todavia, a sua obra pictural, tôda ela foi realizada com rara lentidão, tão notável que se tornou proverbial nos meios intelectuais e artísticos dos lugares onde êle esteve aplicando a sua arte. Além da morosidade, outra deficiência possui Leonardo, que é a falta de capacidade de concluir os seus trabalhos. Eis como o terceto de um antigo soneto, da lavra de um de seus críticos, se refere a essa condenável modalidade de seu talento:

Proto gen che il penel sue pitture
 Non levava, agguaglio il Vinci Divo,
 Di cui opra non e finita pure.

Sendo um artista profundamente intelectual, não podia, de nenhum modo, dar-se por satisfeito com qualquer obra plasmada por suas mãos. Seus adversários não conjeturaram que aquele homem, passando anos inteiros encerrado em seu estúdio, realizava obra de um gênio dos mais dinâmicos e perfeitos, que jamais tivera a humanidade. Do púlpito é atacado pelo verbo comburento do implacável Savonarola, que acreditava viver o pintor dando-se à prática de alquimia cabalística. No

entanto, a verdade era muito outra. Ainda naquele tempo se acreditava que o homem só possuía vinte e três costelas. Por isso, Da Vinci dissecando o corpo do cavalo, abria novos rumos para a anatomia, que nada evolvera desde a era remota de Galeno. Assim, trabalhando para o ser humano, recebia os dardos da calúnia arremessados da tribuna religiosa. E não era só este o mister do incansável perquiridor da natureza. Desejava, ao jeito de Ícaro, escalar o céu, mas todavia em aparelho construído cientificamente. Assentava as suas conclusões mecânicas estudando os esqueletos dos pássaros. Da mesma forma, em nosso tempo, procedem os alemães, segundo uma comunicação que me fizera o insigne professor Luiz Giovacchini, da Universidade de Buenos Aires. Na juventude, aos dezoito anos, Da Vinci aperfeiçoa os seus dotes pictóricos no *atelier* do pintor Andréa Verocchio, que não só pintava como exercia com talento as profissões de arquiteto e escultor. Um dia o mestre pede ao jovem discípulo para pintar um anjo e quando notou que as figuras traçadas na tela pelo discípulo superavam às suas, renunciou para sempre à pintura. Aos vinte cinco anos põe-se a trabalhar para Lourenço, o Magnífico. Cinco anos depois, parece que desencantado com a "compreensão intelectual e artística dos Médicis", e sabendo que Ludovico il Moro, duque de Milão, membro da célebre casa Sforza, precisava de um arquiteto civil para reformar os bairros pobres, Da Vinci dirige-lhe certa carta, que até hoje nenhum ser humano teve a audácia de elaborar uma semelhante, tamanhos eram os atributos que o capacitavam. O grande artista dizia-se arquiteto, pintor, filósofo, compositor, atleta e escultor. Deixava, ainda, transparecer que possuía certa autoridade em assuntos de física, matemática e anatomia; e, além do mais, era também inventor. Se eu não estivesse bem informado dos aspectos assombrosos de sua inteligência, chamá-lo-ia simplesmente de cabotino. Ainda, além de tudo isso, esse homem extraordinário preparava opíparos banquetes, cuja originalidade impressionava sobremodo os nobres comensais. Tocava vários instrumentos e, principalmente, o alaúde, que era dominado com superior competência. Tanto lhe sabia extrair trechos harmoniosos como fabricá-lo com perfeição. Este *homo universalis* deixa sempre em suspenso os biógrafos que lhe queiram visionar objetivamente. Da Vinci é quasi uma lenda. Vive exatamente 77 anos. Vulgarmente o número sete é conta de mentiroso; e o ciclo da existência do discutido pintor tem dois setes. E' comum

repetir, entre aqueles que lhe têm estudado a vida, que êle era canhoto. Outros concluíram que daí provinha o complexo de inferioridade, do qual se desfazia desenvolvendo uma atividade descomunal. Mas analisemos o caso. Não estariam, porventura, equivocados os estudiosos, repetindo falsas conclusões, tiradas dos manuscritos que o mestre deixara, enegrecidos de letras angulosas e linhas intrincadas, feitas com a mão esquerda, em consequência de um ataque de paralisia, que sofrera na velhice, deixando o braço direito imobilizado? Ainda outros, amparando suas opiniões nestas folhas garatu-jadas, arguem suspeição acusando o character desconfiado e egocêntrico do artista, que procedia daquela maneira para occultar dos outros os seus processos de execução. Quando o comentarista reproduz uma idéia é porque também a endossa. Sem embargo, é por conta exclusiva das infâmias a que todos os homens superiores estão sujeitos. A curiosidade de Leonardo levou-lhe a devarrar o mundo da química, o que lhe incentivou, debaixo do maior sigilo, a confeccionar as fórmulas das tintas empregadas nos afrescos e nas telas. Pelo visto, devia ser um material de qualidade superior. A respeito se conta que, em Florença, as paredes do salão do Conselho foram cobertas com trabalhos de sua autoria, nos quais empregou tintas de sua invenção. Cincoenta anos após, estavam horri-velmente feios, com o aspecto "duma espécie de caldo de feijão preto". Este fato desconcertante se coaduna, em linhas gerais, com tudo a que pertence ao artista. Com seu espírito renova-dor, o Papa Julio II arrebanhou os bons arquitetos, que viviam nas cidades próximas de Roma, para grandes remodela-ções no Vaticano. Entre aqueles, achava-se incluído Da Vinci; e, talvez por isso mesmo, o príncipe da Igreja não pôde realizar o que pretendia. Pouco tempo depois, a morte o emudeceu. Então a cátedra pontifical é ocupada por um mem-bro da família Médicis, conterrâneo de Leonardo. Em tal circunstância, Da Vinci devia sentir um despontar de aurora. Mas justamente é o oposto que acontece. Nunca a sua alma fôra tão contundida como na Casa de São Pedro quando per-cebeu que o respeito que seus colegas lhe devotavam, provi-nha mais em decorrência de seus sessenta e um anos de sua idade, de que em reconhecimento ao seu talento. Êle era orgulhoso, mas percebeu que seus companheiros eram dotados de talento excepcional, e estavam em plena juventude. Miguel Angelo tinha 31 anos e Rafael, 23. Em certas profissões a idade pesa mais do que o tirocínio e nenhum trabalho é mais

exaustivo do que o dêstes artistas. E o mister do maior sábio da Renascença esgotava-lhe as forças em poucas horas de atividade. Quando esteve em Veneza, os habitantes desta singular cidade deram-lhe um imenso bloco de mármore para que o transformasse no símbolo sagrado dos indús — o elefante branco. Mas Da Vinci decepçiona como sempre, pois o seu cinzel não feriu a pedra, embora o destino houvesse reservado ao mármore um lugar incomum na galeria das artes, quando Miguel Ângelo, anos depois, converteu-o no seu famoso *David*. O coração de Da Vinci era de uma ternura impressionante, chegando ao exagero de torná-lo vegetariano, para, deste modo, evitar sentir o sabor do sangue dos animais inocentes imolados para alimentar os sêres humanos. E, por outro lado, o seu cérebro, a serviço de César Borgia, no cargo de engenheiro civil, inventa armas cujo poder mortífero não tinha limites.

Em tôrno do glorioso pintor, Freud prova, em seu curioso estudo, a sua repulsa pelas mulheres; e, todavia, é Leonardo o autor do retrato feminino mais discutido no mundo. Não carecia, para se immortalizar, ter deixado mais do que esta discutida tela da *Monna Lisa* que, como a *Última Ceia*, é um curioso estudo psicológico das reações emotivas, onde se espelha a sua desintegração intelectual do formalismo servil de copiar os moldes greco-latinos. A grandeza de seu gênio tanto refulge em sua personalidade quanto no modo original de fixar as complexas nuances da alma humana. Não obstante ser Gioconda, comenta um crítico, o retrato de uma criatura que existiu realmente, a esposa do napolitano Francesco del Giocondo, é muito mais do que uma simples sernelhança fotográfica. Aquele retrato é o símbolo feminino da humanidade. Foi êle que arrancou esta expressão de Théophile Gautier: "A Gioconda! a Gioconda! esfinge de beleza, que sorri misteriosamente no quadro de Leonardo Da Vinci, e parece oferecer à admiração dos séculos um enigma, que êles ainda não alcançaram decifrar". O pintor soube fixar naquele rosto todos os pensamentos e sentimentos, os triunfos e as derrotas, a simpatia e, como bem o diz a frase de Walter Pater, "a brutalidade do gênero feminino através de incontáveis séculos". Um crítico de arte do século passado assim se expressa: "uma vida perpétua refletindo a um só tempo milhares de experiências". Autoridades em pintura chamam a atenção para a habilidade de Leonardo em pintar o jogo de luz e sombra usando um novo método de pontilhar as partes mais escuras com estrias de luz

e vice-versa. E a respeito do sorriso da aristocrática napolitana, Van Loon, autor bem informado acêrca de arte e dotado do privilégio de tratar de tão sutil assunto com um estilo visivelmente medíocre, assim opina: "Como inúmeros artistas de primeira classe, brancos ou pretos, o velho Leonardo, grande arquiteto e excelente desenhista, não era, porém, pintor notável. O sorriso misterioso de sua Gioconda é puro desaso artístico. Leonardo fez o que pôde. Mas, à semelhança dos escultores da primeira época do Egito, da média era helênica e das nossas crianças, não lograra conseguir técnica adequada às suas ambições". E, mais adiante, reproduz o mesmo conceito: "é possível que o sorriso provenha da dificuldade de Leonardo em lhe pintar os lábios, já que, apesar dos seus conhecimentos de anatomia prática, os rostos não eram o forte do grande artista e o sorriso arcáico, que se nos deparou nas estátuas egípcias e gregas, assinala o momento em que o velho mestre é derrotado por uma bôca difícil de reproduzir". Ainda a respeito da discutida tela, Aretino, o virulento poeta satírico, diz que o pintor selecionava bons músicos capazes de executar suaves canções, para deleitar o aristocrático e belo modelo. Foi esta condição que o permitiu reproduzir o lânguido olhar da encantadora senhora. Sendo esta tela da autoria do artista paradoxal que é Leonardo, não poderia evitar que, em tórno de sua arte se manifestasse a controversia em todo o sentido. Sugerem várias idades para Monna Lisa: asseveram uns que já passava da idade da mulher balzaquena. Ela devia ter atingido o começo do outono, acredita a maioria. Ainda mais: depois de vários anos de trabalho, o quadro ficara inacabado; e quem o encomendou não o teve de posse, pois foi vendido por quatro mil florins ouro a Francisco I da França, que o levou para Paris. No primeiro quartel deste século, Gabriel D'Annunzio focalizou o assunto, ao qual emprestou as magnificências de sua inteligência olímpica, estampadas em páginas de peregrina beleza, que serviram para alucinar, como taças de absinto, o cérebro de um italiano que furtou do Louvre o precioso quadro para o devolver à sua querida Itália. O sublime delito não teve o consentimento das duas nações, por isso a sorridente napolitana ainda hoje vive suspensa nas galerias do grande museu francês. Não é curioso que um homem riquíssimo encomende um retrato de sua formosa esposa para depois vê-lo exposto à venda? Não é também curioso, séculos depois, um homem furtar a requestada tela, movido unicamente pelo alto sentimento patriótico? Só as

coisas que se referem a Da Vinci podem proporcionar semelhantes fatos.

A fama da inércia do grande pintor permaneceu ligada às suas deficiências, até que Napoleão, ao estender as fronteiras da França sobre as planícies da Itália, teve notícia de que um homem daquele país fizera "peça de artilharia capaz de disparar por meio de vapor comprimido". O corso, que sempre primara pelo seu gênio prático, tomou os manuscritos e os encaminhou ao Instituto de França, onde se decifrou a obra que hoje circula impressa pelo mundo. Assim como Shakspeare deve a Voltaire não ter permanecido mais tempo na obscuridade do ineditismo, Da Vinci deve o ter perdido a pecha de ocioso ao gigante de Austerlitz.

Até a indolência se apontou a um homem como Leonardo, que infatigavelmente pesquisou as leis da luz, das côres, das sombras, das perspectivas, a anatomia dos animais e a do homem. E' o que diz Solmi: "poi la passione dello studio era divenuta dominante, egli aveva voluto acquistare non più la scienza per l'arte, ma la scienza per la scienza". (*La resurrezione dell'opera di Leonardo*). "Os fenômenos que gostava de pintar eram as fendas profundas da terra, recortes altíssimos de rochas, plantas e animais raros, embriões fósseis. Fazia isso evidentemente na crença de que o universo misterioso guarda mais segredos no fantástico e no incomum do que nas coisas corriqueiras e banais". Assim, Leonardo exibindo uma estranha face do mundo procurava ocultar-se, quando sabemos que em vida viajou muito e conviveu na intimidade de inúmeros homens ilustres. Ainda hoje, com todo o depoimento de que lançamos mão, não temos autoridade suficiente para determinar seguramente a posição de sua portentosa personalidade nos numerosos campos do entendimento humano. Em Leonardo Da Vinci se ajusta bem este conceito: é mais fácil se lhe prender a sombra do que o corpo.

Mística e Poesia em Ruysbroeck

ANDRÉ ARAUJO

Existe no *tempo* de todos os espíritos, uma hora que sôa profunda e marca períodos extraordinários de revoluções luminosas, de claridades internas e subterrâneas.

Descobrimos os horizontes em que o homem parece que se personalisa, para se integrar na tragédia de certos mistérios impenetráveis.

A ciência, os sistemas de filosofia, a política, a sociedade, tudo tem outro sentido, um sentido mais novo, mais diferente, mais amplo.

O homem parece que subiu a montanha interna e ouviu, da altura infinita de sua paz, a música silenciosa de sons diferentes; recebeu a mensagem do silêncio das grandes alturas, apoz a rude marcha por entre incompreensões, na humildade de uma aparente covardia que lhe imponha uma necessidade subterrânea, ultra-telúrica, inexplicável, irrevelável.

E' a hora transcendente em que a sensibilidade nada vale e que sômente a intuição percebe a vida em certos estados d'alma dolorosos.

Os mediócrs e os vulgares explicam esses estados de alma da maneira mais deprimente possível, dentro dos cânones de certas conveniências culturais.

Ha uma Presença indefinida de alguma cousa que se não pode explicar e nem se compreender facilmente.

A convivência com Platão, Plotino, S. Agostinho, Maitre Eckhart, Ruysbroeck, Pascal, Carlyle, Kempis, Terêsa de Jesus, abafa o ruido dos pés, destroi a prôa da caravela humana e imprime nos sêres o silêncio da sabedoria.

Nessa hora, o homem ama as arvores, as crianças, as sombras e o silêncio. Sente-se que entre o homem e essas cousas ha uma relação mais íntima de Vida mais real. Absorve-se em tudo o vasto oxigênio da Fraternidade, da Paz.

O homem marcha para o que realmente ele deve ser, para o que ele é, como pessoa, como eternidade. Participa da vida do mundo apenas pelos pés que tocam o chão em que ele pisa.

O sofrimento tem mais beleza, as incompreensões irão

aliviar a alma do grande sofrimento que se aproxima. Os instintos se transverberam na serenidade e na calma da transparente iluminação dos que marcham para um destino superior.

Alguns pensam que é o fim, mas o que sabe o caminho, conhece que tudo se inicia nessa encruzilhada.

Abismos se abrem aos pés de cada homem, como himalaia se erguem acima de suas cabeças, nas profundezas do céu, nos caminhos do infinito, nos segredos maravilhosos da alma das crianças.

Um homem deve constituir sua morada no início do caminho que se dirige para essas alturas. Infeliz dos que temem partir para o mar alto, e olham somente a margem que se desenha ao alcance da mão sensível.

Só os místicos e os poetas entendem essas cousas. Os que não nasceram místicos ou poetas e se transformaram, na hora profunda das luzes internas ou das claridades subterrâneas, em místicos ou poetas, — só esses entendem essas cousas da vida perfeita, da solidão e do silêncio das almas que se levantam para a purificação.

A mística é o antídoto da morte como conceito de liquidação final.

E o que quer a mística? Encontrar o Homem, o Homem das agulhas pinaculares das montanhas interiores, o Homem-profundeza, o Homem-altura, o Homem dos infinitos, o Homem da sabedoria intangível, imperceptível, o Homem imortal como Deus.

Nessas cadeias de montanhas humanas, os que avançam são como sombras quasi invisíveis, leves e tenros como crianças. Podem nada saber de Aristóteles, Descartes ou Kant, mas eles têm a Sabedoria exponencial, encerrando a Verdade Eterna.

Distantes, os místicos vão seguindo o caminho da vida e da verdade, embora o mundo os apedreje, o turbilhão da vida fútil rodopie vorazmente, os círculos dos homens da ciência os condenem como loucos.

Os que sabem da história desses homens sublimes, recordam-se de que a Persia, o Egito, a Judéia, a Grécia, Alexandria, Roma, a idade média, a renascença, a idade moderna estão cheias dessas figuras adoráveis de anacoretas e ascetas, místicos que a doura-ignorância cognominou de neuróticos, histéricos, loucos improdutivos.

Esses homens são a segurança do mundo. Por eles e

através deles, Deus restabelece o vínculo da misericórdia, ante tanta miséria, tantos crimes! . . .

A tragédia da vida, de ha muito impoz aos homens a necessidade de um imenso sofrimento coletivo, universal. Essa tragédia é minorada pela força moral desses entes imperceptíveis.

Os místicos, neste mundo, são os suplicantes perenes e os conquistadores de Deus, especialmente da Misericórdia Divina.

A vida interior dos místicos arranca das mãos de Deus tudo o que a humanidade necessita, pois tôdas as necessidades são satisfeitas no plano do merecimento de cada um, e na razão direta do bem que as ações humanas e o pensamento do homem se concretizam sôbre a terra.

Todo o mal tem uma repercussão infinita. Ele se destende por tôda a superfície terrena; por mais distante que um homem esteja, o mal, feito a um semelhante, o atinge visceralmente.

O mal também representa o bem que se deixou de fazer ou não se poudo realizar.

Como se vê, a situação do homem, no mundo, é de extrema gravidade e de profunda tragédia. Ha necessidade de se viver como se nós estivéssemos sempre a servir o Senhor, diretamente. Os que não tiveram essa visão das cousas humanas, estão mergulhando em tremendas experiências, para graves colheitas no campo do sofrimento inadiável.

Assim, a função do místico é a da Luz nas trevas profundas.

O místico é um iluminado pela inspiração misteriosa da intuição, como São João da Cruz. Os místicos teem qualquer cousa de poeta. Santa Tereza e São João da Cruz o foram. Mística e poesia são estados de alma, estados de iluminação interior. São Bernardo, Santa Catarina, Gema Galgani, Terezinha do Menino Jesus, Ricardo de São Vitor, Tauler, Eckhart, eis alguns exemplos.

Dessas e de tantas outras figuras que teem alarmado o mundo com a sublimação da mística, — desejo ferir nestas linhas, a posição do sublime Ruysbroeck, o monge flamengo que habitou na idade média, uma choça em Groenendael.

Em preparação à uma compreensão dessa figura extraordinária de místico, desejo frisar aqui outras que também fizeram admirar a literatura contemporânea, como Mestre Eckhart, Tauer, Novalis.

Só, sofrido pela fome, internado nas florestas de Soignes,

Ruysbroeck viveu uma vida simples, dizendo verdades em linguagem de criança, e hoje, os homens se escandalizam, assombrados ante páginas tão imortais, deixadas por um monge, um pobre e simples monge flamengo que pensava como os mais sublimes homens do passado, sem entretanto ter lido nenhum deles.

Acabei de ler, nestes últimos dez dias, "*Le Royaume des Amantes*" e "*Les Nocces Spirituelles*".

A beleza extraordinária de Ruysbroeck é o seu caráter ascético-moral e místico.

Tudo nele é simbologia bíblica. dons, sensibilidade, imaginação, e introversão profunda, nua, deante de Deus. Suas expressões são ricas de notável poesia.

Chama às qualidades virtuais de Cristo, "*lirios de ouro que crescem nos campos da humildade*"; ao sangue de Cristo, "*Sangue rosal*".

Nunca li um gênio que escrevesse tanta beleza poética, com tanta ingenuidade, com tanta simplicidade, com tanta pureza de consciência.

Mas em tudo isso ha o "*Dei intra vos est*", para o natural e constante contacto com Deus.

Os ensinamentos místicos de Ruysbroeck são perfeitamente idênticos aos de Eckhart, de Tauler, de Suso: a penetração para transformação do homem popular. E' a grande legenda, em busca da redescoberta do homem que perdeu sua integração porque se afastou de Deus.

Essa doutrina espiritual dos místicos germânicos do século XIV, está contida na forma da ortodoxia cristã: "*ubi spiritus Domini, ibi libertas*" (II Cor., III, 17.. Isso tudo está admiravelmente desenvolvido em "*Royaume des Amants*" e nos "*Douze Béguines*".

A solidão doutrinal ruysbroeckiana é que edifica o monumento de sua espiritualidade, o contacto com Deus, numa alta esfera poética de profunda madureza mística.

Tudo o que escreveu, é assim como que cânticos sagrados em que se remonta a um "*plenum*" divino e humano. Seus horizontes são caminhos abertos, nos quais marcham homens que são cumes das grandes *montanhas* da humanidade.

Sua mística é uma libertação, u'a mensagem à vida, como a de Platão, de Plotino, de Tauler, de Kempis.

Sua voz tem a excelsitude dos grandes poemas humanos: Mahabarata, Ramaiana, Vedas, Iliada, Odisseia, Divina Comédia, Lusiadas, D. Quixote, Nona Sinfonia.

Poucas figuras, entre os homens de todos os tempos, podem impressionar, pela beleza mística, como esse Ruysbroeck. Sòmente uns cem homens, em todos os tempos, puderam atingir tão grande altura mental como esse extraordinário, imenso, imortal e santo Ruysbroeck.

Devia haver para tudo um Ruysbroeck: em política, em amor, em música, em literatura, em tudo. Os que atingem como Peguy, Rabindranath Tagore, Claudel, Bergson, uma certa altura, na interioridade, andaram de certo, com o grande místico flamengo nas mãos e no coração. Eu, por exemplo, não creio que um Pascal, que um Novallis, que um Emerson, que um Carlyle tenham tido a grande revelação da extrema Verdade, sem o auxílio de Ruysbroeck. Tal a beleza e a imensidade desse homem sublime.

E é porisso, (e sòmente agora), que ele está sendo descoberto, como um manancial de preciosas maravilhas espirituais. Nele ha uma atmosfera incomparável. A unidade secreta do universo, melhor se constitue na apoteose de sua poesia.

Todos os seus trabalhos teem uma extensão considerável e uma imensidade de idéias; uma serena grandesa e uma quietude infinita só existentes nas grandes obras imortais. Daí sua perenidade de pensamento e de escritos. Ele permanecerá eternamente presente no tempo de tôdas as almas, nos que transformaram o coração num órgão ainda não conhecido verdadeiramente pela ciência, e que fizeram da visão humana um órgão muito acima do uso comum da visão material.

Ruysbroeck tem, em si, a beleza divina dos espíritos que iluminam os homens que habitam esta pobre terra que os próprios homens diminuem pela brutalidade, pela inconsciência.

Nisso tudo, ha o descobrimento da beleza como poder para o homem achar-se a si mesmo, no esteticismo da mística e da poesia.

O homem tem que ser eternamente uma especie latente de filho pródigo que poderá voltar para si mesmo, sempre que atender à chamada do seu silêncio interior, simbolisado na cruz de Cristo ou na luz de uma ressurreição.

Nisso tudo está a mensagem de Ruysbroeck: — u'a mensagem do silêncio, da humildade, do sacrificio; u'a mensagem da Cruz; u'a mensagem da certeza divina, contra a incerteza filosófica.

E' dolorosamente, que eu escrevo sôbre esse assunto tão

íntimo, tão delicado, tão de vida interna, nas páginas de uma revista acadêmica.

Lembro-me, a esta altura, do que dizia sempre Leon Bloy: "os cristãos galopam moderadamente para o martírio", embora tendo cada um de nós um pouco daquela força que levava às baixezas os irmãos Karamazov de Doistoiewsky, o Lear, o Ricardo III ou o Macbeth de Shakspeare. Mas tudo arrasta para o desejo de uma purificação em Ruysbroeck. O homem transcende em busca do infinito, destruindo todos os princípios da lei da gravidade. Só a graça é que o arrasta para os rumos eternos.

A desgraça da tragédia humana, na infinitude da obra de Ruysbroeck, parece desaparecer, dentro da imagem de eternidade, com que o místico assinala o tempo humano contido na vida de oração de um homem.

Ruysbroeck é poesia e mística no conhecimento sobrenatural da vida cristã.

Imortalidade



A PERICLES MORAES

Não morre aquele que, em sendo bom, semeia
e, em sendo justo, colhe as belezas da Vida.
E, por ser justo e bom, de todo o Mal se alheia
enchendo de rosais a estrada percorrida.

Não morre aquele que, de amor, a alma nutrida,
a ninguém nunca fere e a ninguém nunca odeia.
E, se magoado, esquece a dor então sofrida
e mais de amor se anima e mais no Amor se alteia.

Não morre o que transforma em força o pensamento
e dêle arranca a vida e a côr e o movimento
e tudo o que de belo o pensamento encerra.

Desfeito o corpo em pó, porque a matéria é lama,
eternamente acesa há de ficar a chama
da rebrilhante luz que se deixou na terra.

MITHRIDATES CORRÊA

PAULO BONAVIDES,

Ensaista Literário

ARISTOPHANO ANTONY

Conheci Paulo Bonavides em uma tarde garoenta, em São Paulo, quando ali se realizava o I Congresso Mundial de Entidades de Imprensa. Olhei bem para o rapaz, tipo de anglo saxão, que tinha diante de mim. Louro, óculos de míope nos olhos azuis, elegância sóbria do homem que, há muito, firmou a sua personalidade. Pouco palestrámos. No dia seguinte, pela manhã, à porta do Hotel Esplanada, novo encontro. Ao nosso lado, conversando sobre as teses levadas ao conclave, um dos representantes da Bolívia, o jornalista José Carranza. Este, de súbito, sem que saibamos o motivo, encaminhou a palestra para os escritores sul-americanos, falando em seguida nos "Sertões", de Euclides da Cunha, por êle considerado o livro monumento da literatura brasileira. Pela primeira vez, ouvi Paulo Bonavides externar opinião sobre a obra admirável. Por se tratar de um estudioso, filho de um país ligado à região amazônica, recomendei ao confrade boliviano a leitura de "À Margem da História", manancial onde se desdrentaram todos os escritores que têm perlustrado a planície imensa, para sobre ela, em seguida, emitirem opinião. De novo, escutei os conceitos oportunos e judiciosos do jovem colega. Compreendi, então, que estava diante de um espírito cintilante, de uma inteligência vivaz, de um temperamento estético, aprimorado na leitura dos grandes livros. À noite, no plenário, observei-o melhor, inclusivé preferir êle as irradiações em inglês. No dia seguinte, soube que cursara a Universidade de Harvard, de onde, ao sair, estagiara em estabelecimentos semelhantes da América do Norte e do Canadá. Estivera na Califórnia, em Boston, Carolina do Norte, John Hopkins, Virgínia, Pensilvânia, Washington e, logo depois, em Toronto e Montreal. Aumentou a minha admiração por Paulo Bonavides.

Um dia antes do encerramento do Congresso, à noite, sentado ao seu lado, Paulo Bonavides ofertou-me, com dedicatória amável, um exemplar do seu livro "O Tempo e os Homens". Não o folheei logo, pois discutíamos as últimas proposições do certame. Sòmente em Manáus soube que, em 1946, conquistára o Prêmio Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras, com o seu primeiro trabalho "Universidades da América", que Gilberto Freyre prefaciou. E de tal sorte a crítica o aplaudiu, que o nome do jovem escritor paraibano que se desenvolveu, mentalmente, no Ceará, passou a ocupar lugar de relêvo entre os maiores escritores da sua geração. A obra que apresentára, pelo seu conteúdo merecia encômios e isto mesmo acentuou o sociólogo de "Casa Grande & Senzala", recomendando-a a quantos se interessam pelos problemas educacionais. Com o maior senso de oportunidade Paulo Bonavides descreve em "Universidades da América" o que são os estabelecimentos de ensino em que esteve, famosos todos êles. Suas observações, suas análises, suas conclusões que se ajustam à realidade dos centros onde viveu, prendem a atenção de qualquer leitor, até porque o seu estilo, de uma translucidez magnífica, é dos mais agradáveis. Nêsse particular devemos louvar sempre Paulo Bonavides que, possuindo a preocupação da forma perfeita, não a sacrificava, jamais, em holocausto às suas idéias, que surgem sempre espontâneas e belas. E por ser assim faz-nos recordar Ruskin, que nas coisas mais simples feitas por Deus, encontrava sempre motivo de poesia e de encantamento espiritual. Mesmo sendo objetivo nas páginas bem trabalhadas de "Universidades da América", Paulo Bonavides não se torna enfadonho, mas fulgurante e precioso.

"O Tempo e os Homens" encerra ensaios e crônicas, que li, satisfeito, de uma sentada. Parece-me, a mim que saboreei êsse livro apenas em uma noite, que a cultura de Paulo Bonavides esplende melhor nas páginas dêsse volume. O ensaísta patricio, sempre com a volúpia de bem escrever, (quer me parecer que possui êle o gôso e o tormento do lapidário de "Madame Bovary") nos oferece, por exemplo, em "O drama do negro na Civilização Americana", um estudo perfeito de sociologia, apreciando o racismo ianque nos seus aspectos exagerados e até mesmo pungentes. O realismo das suas

páginas reflete a honestidade das observações pessoais que fez nas ruas, nos hotéis, nos ônibus. São aspectos dolorosos uns, comoventes outros. Mas Paulo Bonavides acha que naquela grande nação todos já agora estão pedindo a reconciliação social, que se inspira nos mandamentos do homem livre. Outro ensaio magnífico é sobre Eça de Queiroz, apreciando o livro que, à margem da vida e da obra do romancista de "Os Maias", escreveu Djacir Menezes. O crítico sagaz e ático nos aparece, então, na sua plenitude, analisando à justa medida o plasmador de "A ilustre Casa de Ramires", para considerar que o livro do escritor cearense, que lhe ensejou a análise literária, "demonstra à saciedade qual a verdadeira substância de que se compõe a obra de Eça de Queiroz, vazada no mais puro idealismo e repassada da mais saudável tolerância humana". No estudo sobre Juan Bautista Alberdi, referindo-se à obra "El Brasil ante la Democracia de América", Paulo Bonavides mostra quanto o escritor argentino era inimigo do nosso país e o pinta sem retoques, com os seus despeitos e os seus recalques, "pensador que foi a um tempo grandioso e mesquinho, verme nos charcos do nacionalismo e águia na amplidão do espaço jurídico".

Detenho-me no ensaio que Paulo Bonavides escreveu sobre Ruy Barbosa. O estilista se avigora tratando do erudito baiano, que por êle é estudado com carinho e insuspeição. Aparece-nos nêsse trabalho de pôlpa o crítico judicioso, forrado de cultura literária, defendendo o mestre do Direito, o filólogo, o político, o escritor, o jornalista, o sociólogo, o homem de gênio, enfim. E diz que o autor de "Cartas de Inglaterra" teve a velhice de Victor Hugo e Michelet, indagando, depois: — "Que dizer pois dêsse estadista? Se não que êle foi grande, imenso para a sua época e os seus contemporâneos, entre os quais e em cujo meio, êle, um gigante, teve que baixar como Gulliver na ilha, à vida de pigmeu no país dos anões". Outra faceta do escritor de "O Tempo e os Homens", é a do cronista. E é nêsse sentido que nos oferece justos conceitos sobre Samuel Putnam, Humberto de Campos, João Francisco Lisboa, Upton Sinclair, James Conant, Pierre Van Paassen, Clóvis Beviláqua e Roy Nash. Outras, de menor quilate, não deviam ter sido incluídas no livro, para aumentar o seu volume, não por serem desgraciosas e inexpressivas, mas por nos parece-

rem inferiores às que anotámos, realmente bem urdidas e bem pensadas. Paulo Bonavides não deve misturar os seus ensaios, todos com um grande lastro de erudição superior, com as suas crônicas escritas na azáfama das redações. Aqueles e estas devem constituir livros especiais, pelas sensíveis diferenças que possuem. Como ensaista, principalmente, é que se recomenda o autor de "O Tempo e os Homens", situando-se entre os nossos mais credenciados analistas de autores e obras, pela firmeza com que caracteriza os cérebros e aprecia os depoimentos que lhe chegam ao julgamento, o que faz sempre à maneira de Sainte-Beuve e de Remy de Gourmont.

L É A

RAUL DE AZEVEDO

Ele e ela há oito anos se tinham encontrado. A moça desquitara-se havia um mês, com um ano e pouco de casada. Chamava-se LÉA, — lembrava-me agora, Léa Cavalcante de Castro e Lima. Era morena, bonita sem ser beleza, educada, simpática. Mais baixa do que alta, bem vestida, — hoje seria bem despida — um tipo carioca. Fôra apresentada num concêrto do Municipal, por uma amiga comum. Conversaram. Convite para um chá das cinco, na “Colombo”, depois um almôço. E ligaram-se. Três meses de intimidades deliciosas. Depois — a vida! — separaram-se. Léa fôra chamada pela sua família, residente no Paraná, e a sua velha mãe veio buscá-la para a sua convivência, para o seu lar, em Curitiba. Uma, duas, três cartas. . . O silêncio, o esquecimento. De certo novos amores, ou melhor, outras aventuras.

As vezes, no princípio, Paulo pensava em Léa, mas vagamente. Os anos iam rolando. Ela passou a ser uma sombra, muito vaga, no seu espírito. Apagou-se.

Agora, — o fato passou-se ontem — ela, já de alguma idade, compreendendo melhor a vida, entrou num cinema para fazer horas. Não era mais de ilusões. Aconteceu-lhe o que sucede comumente a todos, um senhor sentou-se junto dela. Banalidade. A fita desenrolava-se e, o que chegava a ser excepcional, era positivamente bôa. Ele não reparara na sua vizinha. Acompanhava com interêsse o filme, certos detalhes, uma ou outra frase feliz. Porque o segredo de Polichinelo do cinema é que êle atende aos aristocratas, ou melhor, a intelectuais e ao povo, às massas. Há ali sempre um pedaço da nossa vida ou um conceito feliz de que gostamos. Daí um filme ter sempre algo que nos agrada, e mesmo quando êle é ruim existe uma cena, uma imagem feliz, uma frase. E' um conforto, um descanso para as atribuições diurnas, um repouso físico e espiritual.

Mas houve uma interrupção na projeção. Um defeito ocasional do aparelho, e a sala ficou iluminada. Foi quando

Paulo olhou de soslaio a sua vizinha. Era uma senhora bonita, vistosa. Quantos anos? Talvez trinta, ou trinta e dois. Como saber o segrêdo da idade das mulheres? Duma feita, Paulo dava-se com uma bela balzaqueana. Quando muito, uns trinta anos. Clara, loura.

Estavam num *bar*, quando entraram dois rapagões altos, fortes, espadaudos. Aproximaram-se e beijaram a moça loura, e ela revelando-se e apresentando:

— Os meus dois filhos, doutores Alcindo e Roberto, engenheiros.

Paulo assombrou-se, e fêz mentalmente as contas. Os moços eram casados, com filhos. Aquela senhora loura era cinco vezes avó, e na sua imaginação fazia as contas. Eles representavam homens de vinte cinco anos, vinte oito anos. Que ela tivesse se casado com vinte, e andaria pela casa dos cincoenta. E parecia ter só uns trinta, no máximo!

O que certas mulheres fazem para ser assim? Que cautelas, que fórmulas elas possuem? De que cuidados se cercam?

Fazem bem. Devem conservar-se para o seu prazer, e às vezes, o encanto inocente dos que a cercam. Os homens gostam da convivência, geralmente honesta, das mulheres bonitas. O feio desagrade sempre. E o feio vem, surge, irrompe, *devido* mais ao descuido, displicência, da mulher. E' o êrro fatal.

Paulo viu a senhora, a do cinema. Os olhares se encontraram, e ela tinha uns olhos claros, grandes, esverdeados. Raros. Trocaram o sorriso da bôa vizinhança, aliás apregoado pela política norte-americana. E êle na tentativa de encetar uma conversa:

— Esta interrupção veio logo no momento psicológico do filme. . .

— Sim, quando íamos saber a resposta dela. . .

Era a palestra. Continuavam agora como se fôsem antigos conhecidos. Mas Paulo nunca vira aquela mulher, que era ainda uma tentação da carne. E o filme continuou.

À saída, Paulo perguntou-lhe — pedindo muitas desculpas, — se aceitaria algo, alí na *Colombo*, quasi em frente ao cinema. Era em Copacabana. Demorou uns minutos talvez — como às vezes um ou dois minutos nos parecem intermináveis! — e respondeu que sim.

Foram. Sentaram-se. O "garçon" atendeu-os logo, e Paulo:

— Nunca tinha visto a senhora, e foi pena porque...

— Por que?

— ... já teria de há muito o prazer e o encanto da sua palestra.

A moça sorriu. Realmente vivia fóra, no sul. Sòmente agora é que voltara ao Rio de Janeiro, para ficar. Gostava tanto do Rio, com as suas belezas e até com os seus defeitos!

Sorriram. Paulo deu o seu nome. Disse o que fazia, os seus trabalhos. Era viúvo, sem companheiras, e êle estava encantado com aquêlo belo conhecimento. Ela se disse também muito satisfeita. Morava alí próximo, em Copacabana, com uma amiga querida. Era *madame* Lima.

— E podia visitá-la? Permitia?...

— Sim, na quinta-feira, às dezessete horas, venha tomar um chá comigo. E deu-lhe o enderêço, na rua Ronald de Carvalho, e a seu pedido, o telefone.

Êle ficou radiante. Mas ainda era segunda-feira. Como o tempo custaria a passar.

Restava o consôlo e o confôrto do telefone. O telefone no Rio de Janeiro é tudo. Uma mulher sem êsse aparelho é uma infeliz. Um homem chega mesmo a ser um desgraçado. Êle representa três, cinco, dez empregados e empregadas, a gente invisível ou que vòa duma casa para a outra mais rápida que um aeroplano. A par disso, da sua utilidade prática, é o grande alcoviteiro. Êle, em certas casas, quase não pára.

Um telefonema atrás dos outros. As vezes dum equívoco de linha vem um conhecimento e até um amor. À tarde, antes de dezesseis horas, há conversas compridas, tocadas de amor, combinação de encontros. Uma confusão geral.

Paulo, todos os dias, telefonava para Léa. Dizia do seu prazer, do seu encanto, das suas saudades. E afirmava que nunca pensara uma quinta-feira demorar tanto.

Ela ria gostosamente lá no fim da linha. Disse mesmo que o achava muito simpático, muito interessante. E conversavam pelo telefone jovialmente.

Afinal, chegou a quinta-feira. Paulo esmerou-se no vestuário. Uma gravata bonita, um dos seus melhores ternos. E foi — dezessete horas.

Léa esperava-o. Um "peignoir" que já era em si mesmo uma provocação e uma promessa. Estavam sós, a amiga voltaria mais tarde. Léa estava realmente provocante. Havia um perfume, o "seu" perfume, na sala tôda. Um apartamento confortável, com uns móveis claros, pequenos e moderníssi-

mos, e de especial bom gosto. Três quadros de bons pintores, dos de verdade. Nada dos cabotinos. E flôres lindas, rosas, cravos, camélias.

Paulo — por que negá-lo? — entrou comovido, beijou-lhe as mãos finas e macias. Jóias, sòmente duas pérolas brancas nas orelhas morenas. O roupão entreaberto deixava adivinhar formosos mistérios.

Como foi prometedor o sorriso de Léa! E o homem ficou logo cativo. Sentaram-se no mesmo sofá pequeno, conversaram. Depois a empregada serviu o chá. Biscoitos, sanduiches, doces. A palestra animava-se. Ele já sorvera o chá. Aconchegara-se mais. Contavam histórias. Alí ela deu um jeito no corpo — todo casual, acreditem! — e deixou ver a perna bem feita, roliça, torneada, morena clara, sem as horrosas queimaduras do sol das praias, que tornam as mulheres listadas, como zebras.

— Encantado, minha amiga, com a sua beleza e a sua graça!

Léa levantou-se e o roupão entreabriu-se. Ele passou o braço nela, e caminharam.

— Vou mostrar-lhe minha alcôva...

Uma hora depois, voltaram ao sofá. Paulo estava contente, satisfeito, radiante. Foi servido um uisque. A senhora estava contente e alegre.

— Estou muitíssimo satisfeito com o seu conhecimento, Léa. Você é o que tôda mulher tem de ser primeiro, — feminina. Depois, é esposa, dona de casa, pintora, literata, escultora, empregada. Mas, primeiro que tudo, feminina — e você é uma grande mulher!

Léa olhou-o e deu uma gostosa gargalhada, e rindo falou:

— Mas, Paulo, eu sou aquela mesma Léa de há oito anos! Lembra-se? Vivemos juntos, amantes felizes durante três meses, depois o Destino nos separou. Vivemos maritalmente, e daí a felicidade de eu lhe ter aceito e guardado mistério dos nossos antigos amores. Mas estou satisfeita com o reencontro. Para você foi um novo amor, para mim um velho amor revivido! Vocês, homens... Esquecem até o corpo da mulher!

(Do livro *Elisabete*, no prélo)

Deusa Imortal

A ARTE

(Reflexos de Castro Alves)

FELIX VALOIS COELHO

E ostentando o fulgor de irradiante umbela,
Só a Arte ficou, eternamente bela,
Sôbre tudo imperando e ofuscando a coorte,
A triunfar de tudo... até da própria morte.

J. B. Cohen

Ninguém me veda os caminhos.
Eu — da miséria os espinhos
Arranco das multidões:
Meu glorioso estandarte
Colhe bênçãos, eu sou a Arte,
Sublime mãe das nações.

Alexandre Fernandes

Quando ela apareceu, o rosto em luz banhado,
Da inspiração radiando o fogo sublimado,
O colo oferecendo à enorme grei dos mundos...
Convulsivo tremor abalou a criação...
Fulgiu do sol da glória o vívido clarão,
Do píncaro mais alto aos antros mais profundos.

A frente lhe cingia a tríplice coroa
De deusa que a virtude anima e galardoa
E mulher que fascina e rainha que impera...
Talvez era do céu estréla misteriosa
Aos romeiros do ideal mostrando a luminosa
Estrada que conduz dos imortais à esfera;

*Ou da terra, talvez, peregrina entidade
Que, cortês — aos pés tem tôda a humanidade,
Senhora — com seu jugo eleva o servidor.
Ergueu-se; e, alçando o porte esbelto, soberano,
Serena devassou da imensidade o arcano,
Correu sôbre o universo o olhar encantador.*

*Nesse olhar fuzilou, fugidia voluta,
Estonteante visão — a beleza impoluta,
Que céus e terra irmana em infinito amplexo.
Foi o eléctron fatal que desde então não cessa
De, sem que alguém jamais a energia lhe meça,
Nas almas infundir um divinal reflexo.*

*Dessa fôrça ao influxo ergueram-se de um jacto,
Qual se entre êles houvera algum oculto pacto,
O grave pensador e o trêfego boêmio;
Cada um, por sua vez, na diva os olhos crava
E, a uma voz — “quem será? de onde vem? onde estava?
Como é que ela surgiu, da vida no proêmio?”*

*“Eu sou, proclama a déia, a predileta filha
“Do Incriado Saber, que eternamente brilha
“E em tôda parte esplende em perfeição e graça.
“Desde que o mundo é mundo impávida o percorro
“Levando ao infeliz carinhoso socorro,
“Sem distinção de sexo, idade, nem de raça.*

*“Das várias gerações, por mim, todos os gênios
“Logram comunicar-se, através de milênios,
“Pois das turbas sou a alma, onímota, vibrante,
“Cuja fala — na côr, no som, na forma — toma
“A feição de expressivo, universal idioma
“Que, séculos em fora, é sempre vicejante.*

*“Por isso, enquanto no orbe estuar humana vida,
“Mentes e corações agitando na lida
“Das ambições em choque, anseios em tumulto,
“Eu pairarei radiosa, intrépida, altaneira,
“Ao implacável tempo e à Parca zombeteira
“Lançando, em desafio, um escarninho insulto.*

"Assim da natureza os sublimes portentos,
"Como da sociedade os variados eventos,
"E até da Divindade os sagrados arcanos,
"Tudo — da inteligência ao fulgurante sol —
"Tem existência real, passando em meu crisol,
"Que se deterge mais com a pátina dos anos.

"No misterioso oriente, emparedado em vastas
"Extensões de deserto, e onde as ferrenhas castas
"Jugulavam a vida aos áditos da morte,
"Ergui êsses brutais colossos de granito,
"Que sufocam a idéia e afrontam o infinito
"Povoando-o do terror com a tetérrima coorte.

"Na Grécia, a quem foi dada a inestimável sina
"De ouvir de terra e mar eterna cavatina,
"E assim servir de berço à ingente liberdade,
"Que impulsa o pensamento aos páramos do abismo,
"Fazendo-o mergulhar da luz no paroxismo,
"De onde emerge, pujante, a genialidade . . .

"Aí, povoando o Empíreo e o Olimpo solene,
"Erguendo o Partenon, criando Palas Atene,
"Semeando heróis, cultuando os mistérios de Eléusis,
"Com Fídias, Policleto, Êsquilo, Hesíodo, Homero
"E quantos a ficção galanearam com esmêro,
"Tornei o homem divino e humanizei os deuses.

"Na belígera Roma, expansionista, rude,
"Para quem ser guerreiro era a suma virtude,
"Eu expressei da fôrça os gozos desregrados,
"Na arcaria, de que é modélo o Coliseu,
"A qual traz à lembrança um vasto mausoléu
"De povos ao pugnaz poder sacrificados.

"Quando, de mais ampliado, o Império transformou-se,
"Pela depravação, em repugnante alcouce,
"Na voragem tombou de horrendo cataclismo.
"Tive um colapso então. Mas reanimei-me logo,
"Aos eflúvios da fé, ardente como fogo,
"Que nas almas influa o novél cristianismo.

"Externei êsse ardor nas catedrais soberbas,
"Que traduzem, a um tempo, as torturas acerbas
"Da multidão opressa, ofegante de medo,
"E a sua aspiração de voar ao Paraíso
"A fruir de Jesus o inefável sorriso,
"Consôlo a quem chorou no terreno degrêdo.

"Mais tarde, respirando o odor da mesma crença,
"Em novo ciclo entrei, — tive uma Renascença:
"Retornando a sentir, em tôda sua pujança,
"A vida, qual a exhibe a sábia natureza,
"Mostrei que, como fonte excelsa de beleza,
"Harmonizam matéria e espírito em aliança.

"De provar tal verdade uniram-se no afã
"Ticiano, Rafael, Van-Dick, Rubens, Rembrandt,
"Velasquez e Murillo e de Vinci e Verrocchio,
"Brunelleschi e Bramante e Giotto e Donatello,
"Miguel Angelo e Robbia — um vasto setestrelô
"Com quem me delicio em contínuo colóquio."

Calou-se a divindade; e caíram-lhe aos pés
— do indomável fascínio espontâneos galés —
O Poder, o Talento, a Riqueza, a Ciência,
O Amor, a Santidade, a Fôrça, a Formosura,
Sabendo que da deusa ao seio, com fartura,
Cada qual pode haurir da própria vida a essência.

.....
Salve, deusa imortal! Como em terrível sonho,
Volve-se a humanidade em báratro medonho.
Só tu tens o condão de mitigar-lhe as dores,
Que és da plena concórdia o fiel vexilário.
Sôbre as nações esparge a luz do teu sacrário,
Que da paz lhes garanta infindáveis primores.

(Do livro inédito *Desengonços*)

UMA PÁGINA ANTOLÓGICA DE LEOPOLDO PÉRES — O Elogio da Amizade

Não poucas vezes me tenho ocupado do escritor Pericles Moraes. A obra e as idéias do harmonioso artista de "Figuras & Sensações" exerceram sempre sôbre mim uma intensa, confessada e irresistível fascinação. De sorte que, no percorrer-lhes as paisagens, de tanta e tão sugestiva beleza, no descortinar-lhes os panoramas dinâmicos, no perscrutar-lhes os horizontes cheios de luz, hei compreendido as mais cativantes peregrinações, hei conhecido as mais radiosas paragens do espírito. E com a febre, a ansiedade e o enlêvo daqueles "conquérants d'or" do poema herediano. Não sei, de feito, dentre os chefes de fila da geração presente do Brasil, quem a Pericles Moraes se possa comparar, assim no vigor e na polichromia do estilo, como na riqueza e na musicalidade do sentimento estético. Mostrei, em diferentes passos, como na arte admirável do beletриста de "Legendas & Aguas-Fortes", do biógrafo maurosiano de "Coelho Netto e Sua Obra" e da "Vida Luminosa de Araujo Filho", se verifica, numa síntese prodigiosa, jamais alcançada modernamente por nenhum dos régios operários do nosso idioma, a integração definitiva das virtualidades fecundas do criador nas faculdades incisivas do analista literário. E' que, a exemplo de Remy de Gourmont, paradigma singular no itinerário de sua crítica construtiva, a forma e o fundo são, nos livros de Pericles Moraes "como o sangue e os vasos que o contêm", elementos substanciais inseparáveis na taumaturgia da elaboração artística. O estilo, implicando em última instância um problema de fisiologia, é uma transposição da sensibilidade, uma síntese do homem todo. Prosador de recursos inexauríveis, associando à perfeição flaubertiana do período, a hiperacuidade ideo-emotiva dos Goncourts e a fulguração meridiana de Saint-Victor, os seus retratos literários que, em língua francesa, equivaleriam aos de Sainte-Beuve, não revelam apenas o artifice da palavra: revelam, por igual, a profundidade, a amplitude, a transcendência do seu pensamento,

REVISTA DA ACADEMIA

em que se rasgam tôdas as diretrizes e se desdobram todos os painéis do espírito contemporâneo.

* * *

Mas eu não pretendia, e não pretendo, falar de Pericles Moraes, escritor. E quero simplesmente reunir nestas linhas o preito de minha palavra obscura mas fervorosa à festa com que a gente de letras do Amazonas celebra, esta noite, nos salões radiosos da Academia, o retôrno do eminente confrade à terra de seu berço. E, valendo-me do amável ensejo, aduzir a êsse voto de comovida adesão um testemunho, que me é particularmente grato prestar, de público, mais uma vez: o de que a obra de Pericles Moraes, tôda ela dominada pelas componentes da simpatia, é sobretudo o reflexo da preexcelta beleza interior, da infinita doçura d'alma, do enternecido encantamento desse homem que, chegado às culminâncias de uma trajetória iluminada, não aprendeu ainda, segundo o preceito do humanista insigne dos "Épilogues", a dissociar pelo ceticismo a inteligência da sensibilidade. Tratando de Pericles Moraes, a que me prendem os laços indesatáveis de uma nobre estima, desespêro dos desertados da fortuna moral, eu desejaria tão sòmente repetir o elogio da amizade, que transcura as páginas do diálogo ciceroniano. E na apologia das afinidades profundas que denunciam as naturezas privilegiadas, e tornam possível o acôrdo das coisas divinas e humanas, exaltar em Pericles aquele alto sentimento de mútua compreensão, que foi, com a sabedoria, no dizer do orador romano, o dom por excelência feito aos homens pelos deuses imortais.

* * *

Porque, para falar de Pericles, escritor e artista, teve a Academia a feliz inspiração de confiar poderes especiais e expressos a Adriano Jorge, seu preclaro presidente, e a quem, de resto, e por todos os títulos cabia, desde o primeiro instante, a tarefa indisputável. E com isso, associando à presença magnífica e à palavra aurilavrada de Pericles Moraes, a torrente luminosa, o caudal deslumbrante do verbo de Adriano, que é a própria voz da Amazônia, em tôda a orquestração maravilhosa dos seus ritmos eternos, oferece a Academia aos círculos sociais e mentais de nossa terra, o maior debate de inteligência, o mais vivo recontro de idéias, o mais esplêndido espetáculo de afirmação espiritual, a que nunca assistimos. Quanto a mim, aqui deixo, humildemente, o elogio da amizade.

CELSO VIEIRA

WASHINGTON CESAR MELO

Já vai distante a época do "ENDYMIÃO", mas a memória do fato ainda é bem viva e indisfarçável. O sortilégio do livro passou, por algum tempo, a exercer sôbre nós, criaturas em plena adolescência, um fascínio irresistível. Não nos furtávamos ao milagre do contágio irradiante, nem era lícito que fôsse possível refrear o entusiasmo diante da revelação do artista e do criador de belezas que nos apareciam conjugados nêsse admirável Celso Vieira.

Passamos a viver os seus próprios momentos de estesia e, não raro, os nossos louvores, nêste ou naquele sentido, aparentemente se confundiam, tal a sutileza dos raciocínios e a desenvoltura da análise postas em ação pelos que comungavam dos mesmos ideais em tórno da obra e de suas perspectivas literárias. Havia os exaltados e os tímidos, todos, contudo, não encondiam a decisão de um aplauso unânime à técnica do artista e à relevância do pensador e do homem de idéias.

E não mais nos fugiu o desejo de exprimir todo o alvoroço e ânsias do espírito, todos os ímpetos da imaginação que nos assaltavam em face dos problemas de arte vividos nas páginas do "ENDYMIÃO", páginas de sensibilidade e de fino senso estético, apuradas e definidas na elegância de um estilo próprio, que mais fazia valer as virtudes do prosador nos seus conceitos e seriação de idéias.

Nossa reflexão se pôs em contacto com o sonho do escritor e procurou seguir ao encontro dos seus propósitos e objetivos literários. Talvez que tenhamos compreendido a tarefa que o gênio do artista atualizava para a visão de arte que lhe punha a descoberto um temperamento hipersensível às manifestações da beleza. Daí o resultado surpreendente: qualquer cousa de incomum e muito de extraordinário para a satisfação da alma e dos sentidos, além da convicção de que o esforço criador se ajustára perfeitamente às deliberações do homem. Mas era imperioso, no entanto, construir um

mundo de idéias dentro de um outro mundo de idéias. E Celso Vieira assim o fez.

Da antiguidade grega aos nossos dias, se não melhor acentuar a partida, sobretudo, da Grecia de Platão e de Aristóteles, no intuito de se não afastar de um ponto de vista todo seu, o artista e o pensador, irmanados no mesmo sonho, vão caminhar à sombra de um idealismo *sui-generis* para a reabilitação dos sentidos e da inteligência, na certeza de que urge orientá-los para que arte e filosofia sigam juntos um destino de mútua compreensão e se não prejudique a declaração das verdades e de todos os enigmas que fazem o tormento dos homens. Assim nasceram, é bem possível, as miragens do solitário de Karya, na transcendência de sua expressão, para focalizar o ridículo e a grandeza das nossas aspirações, as veleidades de domínio, as contrafações da alma, os desejos e as vontades frustradas.

Procuramos assimilar-lhe o pensamento para nos abalancar, numa aventura temerária, a expressar nas linhas de um ensaio sem pretensões, a visão estética e o artista, plenamente vitorioso, no âmago desse formoso e sugestivo "ENDYMIÃO".

Sem o conhecer pessoalmente, fizemos ao escritor a remessa do trabalho. A resposta de Celso veio pouco depois e nos deixou, sobremodo, desvanecidos. Seus agradecimentos chegaram às nossas mãos, com efeito, através de uma carta luminosa na qual se continha ainda o aviso da próxima publicação do ensaio nas páginas do "MUNDO LITERÁRIO", revista, à época, secretariada por Agripino Grieco.

Além do mais, na carta Celso foi de uma bondade extrema: considerou o trabalho admirável, pelo estilo, pela concepção e pelos intuitos da análise, para concluir, afinal, num excesso de gentilezas, com o escândalo da afirmação de que não haviam dito melhor sobre o "ENDYMIÃO" escritores como João do Rio, Ronald de Carvalho, Hermes Fontes, Humberto de Campos, Loureiro Sobrinho e tantos outros que se mostraram "sugestionados pelo vago noturno do Endymião, cujo mérito, se algum reivindicasse o autor, consistiria apenas o ter suscitado por onde passou, com algo de lunar e muito de lunático, um certo embevecimento, um certo movimento na órbita espiritual da beleza".

Falou ainda na bondade dos nossos conceitos, bondade que, a seu vêr, era surpreendentemente amazônica e, portanto, magnífica.

Foi esse o homem que a morte há pouco nos privou do

seu convívio. Foi esse mesmo Celso Vieira, o escritor que se fizera à fôrça da cultura, do talento e da imaginação, que as letras nacionais de hoje em diante vão lamentar o silêncio de sua palavra, porque secou a fonte de beleza que nos espargia a linfa prodigiosa. Valha-nos, contudo, o valôr da obra que lhe perpetuará o nome glorioso, obra que há de estar sempre envolta na aurea daquela espiritualidade reconfortante, daquela graça, daquêle engenho de arte e daquela segurança de conhecimentos que lhe puzeram em relêvo a personalidade através de uma produção incessante, caracterizada nos momentos que nós deram "ENDYMIÃO", "SEMEADOR", "ANCHIETA" "VARNHAGEN", "O GÊNIO E A RAÇA", e tantos outros que vieram constituir, à semelhança de marcos indestrutíveis, as fases sucessivas de uma existência entregue aos labôres do espírito e perfeitamente consciente do poderio de sua fôrça mental e da singularidade de sua manifestação no âmbito das letras.

AS VESTIDURAS

THIAGO DE MELLO

Sôbre as brancas vestiduras
que, por minhas, hoje visto
— serão lançadas as vestes.
Não sei do tempo dos lances,
nem das sortes sei. As vestes
sei que são brancas. (Mais brancas,
alvas muito mais eu sonho
vestí-las para morrer.)

São brancas. Tanto tardaram
a chegar: pássaros alvos
pousando sôbre o perdido
campo de treva que sou.
São brancas. Tanto tardei
a abandonar as roupagens
que outrora mal disfarçaram
minha triste desnudez.

Roupagens: eram noturnas,
tecidas, pôsto que rútilas,
de pobres panos achados
entre restos de dilúvios.
Roupas de engano e de mêdo,
ocultando-me os calcâneos
fincados nas pardas terras
das terríveis solidões.

Sortilégios transverteram
roupagens em vestiduras.
Já não vou só: há momentos
em que, rasgadas as nuvens,
surgem milícias de anjos
no meu caminho, cantando.

As vestiduras são alvas,
que muitas alvas se fundem
para fazê-las em única
e macia madrugada.
Esvoaçantes, lembram asas
de albatrozes mansos, mansos.
Irmãs do mundo, me levam
pelos ventos: há caminhos
escritos sôbre as cidades
pelas mãos de criancinhas:
de cima os vejo, tão êrmos !

As vestiduras, pesadas
de resplendores, me afundam
às profundezas das águas
e às profundezas humanas.
Ai, como os mares são rasos,
ai, como somos escuros !

Arrastando-se, branquíssima,
pelo chão triste do mundo,
vai a túnica. E, se acaso,
limpa resvala nos valos,
nos chavascals e espinheiros,
nem se esgarça nem se turva.
Mas, enquanto ela, a cobrir-me,
prosegue branca e inconsútil,
dentro de meu peito gemem,
por suas bôcas profanas,

dôres descidas das nuvens.
(Os cintos das vestiduras
me nascem do coração).

Não sei que sortes se guardam
para essas vestes tecidas
de tão puríssimo pano,
que me, embora, resguardando,
sujas de mim não ficaram.
Não sei das sortes, não sei
se serão lances irados,
se lances de compaixão.
Talvez sejam repartidas
para repasto dos anjos.
Acaso as queiram rasgadas
para a gula dos abutres.
Sirvam talvez de mortalha
ou de bandeira, não sei.

Apenas sei que são brancas,
porque lavadas em sangue.
Porque lavadas no sangue
que, sagrado e grosso, escorre
dos brancos braços da cruz.

Mutações fisiográficas da paisagem amazônica

MAVIGNIER DE CASTRO

Quando, à primeira vista, observamos de longe o aspecto exterior de um igapó amazônico, a imaginação no-lo representa como sendo o simples prolongamento de um trecho de floresta alagada que, ora largo, ora estreito, se interpõe entre um cerrado labirinto de vegetação desinteressante e a monotonia da paisagem marginal, desenhando-se na linha do horizonte e refletindo sobre a calma superfície das águas tôdas as nuances do seu verdeoso revestimento. No entanto, ali, tumultua nas mais surpreendentes características a vida de grande parte da curiosa fauna aquática e se renova, exúbere, uma flora variegada, peculiar às terras fertilizadas pelo humo nutriente das enchentes aluvionárias.

Configurado externamente por uma imensa bordadura sinuosa ornando as margens dos lagos e dos rios, seu desenvolvimento interior, é, algumas vezes, tão denso que intercepta os raios solares através das camadas superpostas entretecidas com os ramos e as folhagens, formando túneis sombrios ou pilares tortuosos, festonados pelas trepadeiras urticantes e malváceas de flores balsâmicas. E todos, arvoredos e lianas, abrolhados na penumbra, têm o mesmo impulso ascensional à procura da luz, amontoando-se numa porfia desordenada pelo domínio dos espaços.

Furtivamente, uma réstea de sol incide na trama umbrosa daquele dédalo intransponível, onde os cipós torcicolantes enlaçam os robles vigorosos e as vergôntees dos frágeis arbustos, justificando o étimo toponímico que lhe deu o selvícola: — **Igaü-pe**, (lugar só acessível à canôa).

Irrompndo por entre interstícios da espessa abóbada que os circunda, esbeltos buritiseiros, marí-marís e catorés parecem farfalhar as ramagens em hosanas à fértil maturação dos frutos, enquanto, na divisa aparente das ribanceiras, dir-se-ia que os jauariseiros epinescentes lançam desafios aos arrogantes murumurus, eriçados com longos estrepes e meneando suas palmas ao vento, à maneira das plumas nos chapéus dos espadachins.

Ali estão as hidras vegetais: — os apuís, aplastrando os galhos e raízes envolventes sobre as árvores por êles apresadas, constringindo-as

REVISTA DA ACADEMIA

num apêrto incessante até que a atrofia superveniente reduzindo os corpos lenhosos das vítimas, os amolde aos troncos dos algozes, fundindo-os num conjunto abjeto pela anastomose deformante.

Quando as enchentes atingem o nível normal, a extensão de igapó se transforma na área infindável de um soberbo pomar silvestre, multicolorido pela variedade dos frutos, que, na época sazonal, balouçados ao sabor das ventanias, se desprendem dos pedúnculos, produzindo na água uma seqüência de choques tamborilados, imprecisos, recrudescendo ou diminuindo consoante a altitude das árvores e a penetração na profundidade líquida.

Este, o momento azado para inumeráveis cardumes de peixes frugívoros. A tona ondeia marulhante entre os lampejos prateados das sardinhas, dos aracus de listras aurinegras, seguidos pelos bojudos pacus com estrias escarlates, tambaquis e pirapitingas de nado veloz, que, atraídos pelo surdo baquear das polpas alimentosas, se precipitam, aparando-as acima da superfície. Mas, esse alvorço de abundância favorece, também, aos famélicos gaviões piscívoros de asas céleres e olhar penetrante, os quais, num lapso, mergulham, trazendo nas garras a escamosa prêsa, indiferentes ao rosar colérico das lontras, suas infalíveis concorrentes de pescaria.

O igapó é o viveiro de outras espécies iquitiológicas que se alimentam de vasa, folhas e carne. A piranha sanguinária, sempre à espreita; a traíra voracíssima; o insaciável "arapaima gigans", (pirarucu); o peixe-boi banhudo; o silencioso eletrocutor, poraquê, o iridescente tucunaré e enguias translúcidas proliferam no próprio **habitat** em que as sorrateiras anacondas vencem a fôrça prodigiosa dos temíveis hidrosáurios.

Pululam, igualmente, no fundo lodoso da várzea inundada, várias qualidades de quelônios, alguns tendo as carapaças abaúladas, outros com os cascos rotundos, de gomos sextavados. Rondam, todos, os pés das árvores frutíferas, à espera das migalhas sobejadas nos banquetes dos símios que, em bandos, violam impenitentemente o inexaurível vergel agreste.

Entre as aves vivendo nos esconsos da folhagem particulariza-se a cigana, essencialmente vegetariana e tendo as asas providas de unhas, fato característico de sua ancestralidade, e, poristo, considerada uma espécie ímpar na ornitologia brasileira. Seu grasnido asmático e hábitos gregários não a impedem de submergir profundamente, quando atacada pelos caborés e gaviões rapaces.

* * *

Finda a estação pluviosa, gradativamente, a floresta se escôa. À altura exata da imersão, as árvores reaparecem cintadas por um musgo

REVISTA DA ACADEMIA

bolorento e limo pegajoso. Curvam-se os cipós enfiçados nas hastes putrefatas dos bambus e das canaranas ressurgindo para o ar vitalizante e logo crestadas pela candência dos raios solares.

De longe, afluem, como tribos voláteis, garças de porte aristocrático, jaburus de andar solene, maguarís de olhar faquérico, patos selvagens, bulhentos guarás e marrecas. Pousam e vão se abeirando ao lameiro musgoso da vasante, permeiando-o com plumosos escalões coloridos de branco, azul-cinza, preto, vermelho, amarelo. Saíram os grandes peixes, ficaram os pequenos para o truculento festim das aves. Há bicos espatulados revolvendo a vasa, bicos cortantes como estiletos, estripando, engolindo.

Dia a dia, paulatinamente, o igapó se desalaga, tornando-se um pantanal estagnado, miasmático, de onde desprendem vôo nuvens zunidoras de mosquitos hematófagos. Sobrevêm os atoleiros secando lentamente, alastrados de alevins em decomposição e charnecas germinando no paul as sementes desbagulhadas. Depois, por efeito do calor estival, a mutação geofísica do cenário; — capinzais ressequidos, arbustos desenraizados, palmeiras cujos estipes vacilam nas frestas do terreno que alui, acamando os tabocais já estiolados pela canícula.

Consequentemente a êsse aspecto de paisagem diluviana, seguido pela vazão acelerada, caótica, do igapó inundado, sua aparência, conquanto transitória, adquire outro termo regional; — é a "restinga".

Quando as tempestades retrôam, violentas, nos meses de agosto e setembro acontece, a miude, um raio abrir em lascas uma alta sumameira; e o fogo, latente no cerne atingido, comunicando-se ao folhiço estorricado serpeia, alastra-se, crepita nos tabocais, adentra-se em estrondos pela mata. E as chamas sibilam como línguas lambeantes de flexuosas serpentes enroscadas aos troncos ainda verdes, abatendo-os carbonizados, entre turbilhões de fagulhas ressoantes imitando enxames furiosos de vêspas ignescentes.

Por fim, arrefece o ímpeto da combustão arrasante, até que uma chuva inesperada afogue a ira do elemento abrasador. Envolvendo, porém, a gleba calcinada, perdura negra e densa fumaraça impregnando emanações sufocantes de resinas ferventes. Nos prolongados intervalos, caules denegridos, espectrais, delimitam o aceiro inatingido pelas margens banhadas por algum lago ou igarapé. No cenário espaçoso do primitivo igapó há somente cinzas e erosões, e, morta a vegetação, a solidude pela ausência total de vida zoológica. A vasante transformou-o em restinga, e esta, destruída pelo fogo, para sempre, se denominará "quemada" ou **cacaia**, segundo a terminologia indígena.

João Leda e o espírito moderno

PERICLES MORAES

Ferdinand Brunot, nome-padrão da ciência filológica dos nossos dias, em notável estudo sobre a história da língua de seu país, com vigoroso espírito de síntese tracejou o panorama da campanha travada pelos gramáticos e pela nobreza, em favor da depuração do léxico e em detrimento da velha linguagem, inadaptável ao espírito e às idéias do século XVII. O maior desprimor para a geração daquela época, iluminada pelo gênio de Racine, era a imputação deprimente de um vestígio que fôsse de quaisquer afinidades com as gerações anteriores. Tôdas as palavras e tôdas as obras que pertencessem ao ciclo menoscabado do "vieux gaulois" estavam implicitamente proscritas; e o próprio rei, contagiado da fobia arcaica, sequer não ocultava a sua irritação quando o animador de ANDROMAQUE, que tanto se inspirara nas pristinas fontes helênicas, ainda seduzido pelas belezas antigas, procurava em suas leituras rehabilitar Amyot no conceito régio, suavizando-lhe as agrestias do estilo. Até na côrte as palavras obsoletas estavam sem passaporte, completamente desprestigiadas. Todavia, quando mais acesa se tornava a justa, um gramaticólogo de notoriedade inconcussa, Andry de Boisregard, profligava aquela excessiva severidade contra os vocábulos carcomidos pelo tempo, considerando que lhes devia ser de novo permitido o uso, embora sobriamente, por imprimirem ao discurso uma fôrça e uma fidalguia de expressão de que eram desprovidos os vocábulos da moderna linguagem. Ao revés, enquanto que Bonhours, outro gramático de dogmas inflexíveis, não estabelecia diferença alguma entre o arcaísmo e o neologismo, e sustentava que ressuscitar as palavras desaparecidas com a evolução da língua importaria em criá-las arbitrariamente, o seu discípulo Renaud, sem nenhuma indulgência, lhes lavrava inapelavelmente a sentença de morte, com averbá-las de elementos dos mais perniciosos para a corrupção da língua francesa. A seu parecer, secundado aliás pelos escritores de nota daquele período de transição lingüís-

tica, era inconcebível dispauteiro renovar na atualidade as velhas locuções versadas pelos antigos autores, condenadas a perene olvido. Revivê-las, em desacôrdo com o gôsto, a estética e os pendores do espírito moderno, sem lhes transmudar a indumentária característica, era expô-las ao motejo dos contemporâneos, provocando o riso, como nas ribaltas o estrugir de uma facécia. Todos os que cultivam a história e a língua de França não desconhecem o epílogo desse prélio sem tréguas. Os arcaísmos, por determinação expressa de Richelieu, foram banidos sumariamente do dicionário da Academia, em nome da pureza e da integridade do idioma, ameaçado em seus fundamentos.

O impressivo contraste entre aquele nobre movimento e a crise que ainda perdura no país, atualmente, por efeito de um movimento idêntico, mas operando em sentido inverso, despertou em nós a irresistível tentação de evocar o exemplo sugestivo dessa página da história de uma língua, que tanto nos poderia favorecer na emergência. Não se julgue, por conseguinte, fóra de propósito o termos rememorado nesta hora aquele episódio significativo, uma vez que somos os primeiros a conscientemente deplorar que as realizações dos nossos filólogos se circunscrevam exclusivamente à linguagem, em tentativas inócuas, sem as amplitudes de horizontes mentais e o espírito de descortino que deveriam de presidir as leis linguísticas nos seus métodos de indução e experimentação. Porque, a rigor, até agora, nada fez de extraordinário, em benefício da língua, a nossa despicienda gramaticologia. Limitou-se apenas a blasonar sabença, irritada contra a nefasta influência dos escrevinhadores que não conhecem os segredos do idioma e lhe profanam os cânones invioláveis, como se a sua existência dependesse da correção de linguagem dos proadores, e a glória dêstes se perpetuasse, através dos séculos, porque as suas obras tivessem sido perpetradas com a estrita observância das leis gramaticais. Obstinados em tais erronias, sem a perfeita intuição do que seja a disciplina clássica, essa ingênua casta de filólogos, de linhagem duvidosa, não descobria outros meios de defesa para o idioma abalado nos seus alicerces, senão aconselhar que se escrevesse copiando servilmente os clássicos. Consistiria, pois, a reação, de pronta eficiência, no restolhamento ininterrupto do caruncho quinhentistas, tanto às suas locuções de tais ou quais atrativos, quanto aos seus modismos hediondos, transplantando-os para a nossa época com as suas modalidades heteróclitas e os seus

arcaísmos malsoantes. Era de mister, ainda por amor da vernaculidade atrozmente tripudiada, erigir um bastião rodeado de muralhas, que fôsse a um tempo o oráculo e a bombardarda dos paladinos. Esse programa de aceleradas iniciativas filológicas parece ter sido a gênese da "Revista de Língua Portuguesa". Demonstrando à evidência os intuitos e a finalidade dessa imprescindível reação, os fundibulários entrincheiraram-se em tôrno de Laudelino Freire, e sob a vigilância e os conselhos dêsse homem destemeroso e fleugmático, foi estabelecido, em estilo cambeteante, como postulado irrecorrível, que tão sòmente "do sito e do ranço dos quinhentistas" (a expressão é de João Leda) dependia a preservação do idioma, a sua segurança, o seu prestígio. A língua se desnaturava cada vez mais, perdendo muito em seus fulgores e faculdades exegeticas, porque os escritores não sabiam escrever, lhe descuravam o estudo e as transmutações evolutivas; e, se, por vezes, versavam Rui de Pina e Fernão Lópes, não tinham todavia capacidade para lhes apreender as endemoninhadas fascinações. Era êsse o ponto de fé dos colaboradores mais graduados da "Revista", à frente Laudelino, cujos artigos soporíferos e inaturáveis, abarrotados de idéias gastas, a poder de repetidas, se faziam merecedores daquele prêmio de virtude, instituído pela ironia caricatural de Gourmont. Veio depois, com a mesma febre, a caça dos galicismos e das palavras intrusas que sobrepticiamente se incorporavam à língua. Laudelino, apoiado na erudição petulante e agressiva de Mário Barreto, porfiou em exhibir os seus méritos de adestrado caçador. Enquanto, de um lado, o autor do "Através do dicionário e da gramática", com alegar que a sintaxe das traduções de Camilo era de estrutura claudicante, cuidava ser lícito supôr-se que o panfletário genial d'além-mar desconhecesse êsses rudimentos corriqueiros do idioma, êle que tanto contribuíra com o seu saber enciclopédico para honrá-lo e engrandecê-lo; de outro lado, no ardor da pugna contra a francesia impenitente que o contaminava, o diretor da "Revista" investia demolindo os artificios da invasora e não poupando sequer em seus libelos figuras de culminância mental e de sua extremada adoração espiritual. Foi o que sucedeu a Ruy Barbosa, envolvido nas malhas de suas arguições despícativas, quando ousou escrever a locução *de vez em quando* "Elogio a Castro Alves", (/Rev. de L. Port., vlc. 1º, pag. 153") por êle averbada de "expressão bárbara, incorreta e sem sentido, que não tem em seu abono a autoridade dos clássicos, senão

a dos que incorrem em galicismos" (Rev. de L. Port. vle. 4.º, pag. 205). E se aquele "astro de singular resplandescência", como ao mestre dos mestres rotulara o prosaísmo da retórica mofina de Laudelino, não lhe tinha escapado à fúria reacionária, seria natural que João Leda, não obstante o seu rigorismo purista, não pudesse fugir à sorte idêntica, uma vez que outorgara fóros vernáculos ao vocábulo *desopilante*, por êle proscrito do idioma, com a pécha de bastardia. Assinalemos, entretanto, para gáudio dos estudiosos, que nem todos os que cultivavam a língua e sabiam escrevê-la com acêrto, se deixavam intrujar. Houve exceções. O ilustre Sr. Pedro Pinto, por exemplo, que, em tôrno do dicionário dos galicismos, lhe abriu profunda brécha nas veleidades linguísticas, desnorteando-lhe a pituitária glotológica. Por sua vez, o douto Sr. José Maria Belo, (*A margem dos livros*) muito judiciosamente, considerava absurdo inominável "presupôr-se que a língua de trinta milhões de brasileiros em sua sociedade nova, em plena fase de transformação étnica, como de transformação política e econômica, pudesse prender-se aos cânones de alguns escritores, mais ou menos vãos e insulsos, que vegetaram em Portugal há dois ou três séculos", enquanto que Silva Ramos, com a autoridade indisputável de seu nome, não se corria de confessar ostensivamente que os melhores escritores também cometem erros, mas acreditava que os gramáticos erravam mais, convencido de que tôdas as culpas em língua portuguesa poderiam ser redimidadas, pois verificaram, sem nenhum esforço aliás, "que na igreja dos clássicos como na igreja de Deus, há perdão para todo o gênero de pecado". O próprio João Ribeiro, um dos poucos que neste país conheciam a fundo o seu idioma e sabiam manejá-lo com insigne mestria, sem rumar o espírito para cogitações de outra ordem, alheias ao seu temperamento de escritor e de filólogo; João Ribeiro, dos raros filólogos de responsabilidade e dos piores críticos literários que ainda conhecemos, rebelava-se, de quando em quando, (*A Língua Nacional*) contra a preocupação pachorrenta e inconsiderada da gramaticologia contemporânea, que se esforçava para submeter o nosso espírito a servilismos hediondos, incompatíveis com a nossa gramática, diferente da dos portugueses, e contrários ao cunho pessoal de nossas idéias e sentimentos.

Era essa, em linhas gerais, a sùmula das gigantescas realizações operadas pelos estrênuos defensores da pureza e da integridade da língua: questiúnculas de nonada, consul-

toriosinhos de médico de aldeia para as querelas gramaticais, nomenclatura de galicismos e quejandas parvoçadas, que concorriam para a asfixia do idioma, determinando-lhe a imobilidade desalentadora, a paralisia completa em seus movimentos reconstrutores, sintoma irrecusável de que, estando relegada a cultura científica da língua, a nossa filologia atravessava uma crise aguda, de proporções alarmantíssimas.

Por todos êsses motivos, a figura de João Leda, um autêntico mestre da língua e do estilo, destaca-se como elemento da mais impressiva atuação. As suas diretivas filológicas têm outros roteiros e as suas preocupações linguísticas cogitam deveras dos problemas sérios que interessam o idioma. Superior às contingências ambientes e indiferente à fanfúrria das mediocridades que nada sabem e tudo pretendem discutir e julgar, divorcia-se da estreiteza rotineira dos processos em voga, retardatários e anódinos, para transmitir um sainete original e atraente aos seus estudos de exegese glotológica. O seu livro — “Nossa língua e seus soberanos” — é a prova de tais assertivas. Aí, mais do que em qualquer outro dos seus estudos, a cultura clássica irreconciliável com o dogma gramatical, transparece com um traço de superioridade evidente, através de seu estilo, que não é o estilo árido dos ferrenhos anarquizadores da língua, mas uma forma de exposição enérgica e sóbria, de esquisita sutileza, índice dos escritores que lhe conhecem os segredos, nas suas minúsculas singularidades. Sem julgar necessário recorrer à imitação passiva dos torneios fraseológicos de antanho, exercitados pelos roupetas quinhentistas, o filólogo amazônico realizou o milagre, nos dias de hoje, de escrever com esmero, clareza e perfeição; e as suas idéias, em estilo correntio e persuasivo, lhe não revelam apenas a agilidade dos conhecimentos gramaticais, mas lhe definem simultaneamente a personalidade autônoma e multimoda, a serviço de uma preparação mental de rara solidez. Defendendo os seus pontos de vista com destemor e segurança, arrimado a documentações exaustivas, ou desdobrando o seu espírito na pesquisa direta dos fatos da linguagem, ainda emaranhados em controvérsias, não se modifica a sua serenidade de visão, nem se restringe o seu culto sòmente ao idioma, tratado com apuro e extremados devotamentos. Êsse culto, quase supersticioso, não está adstrito às normas inflexíveis da tirania clássica, imposta pelo exagero dos puristas. De nenhum modo. Através de seus estudos, só as formas puras da expressão classica preponderam, concorrendo para lhe aprimorar o estilo.

Mas lhe não desvirtuam a feição original e tão pouco lhe usurpam a personalidade de escritor. Tendo retemperado a sua vernaculidade nas fontes incorruptas da língua, no contacto intimo dos mestres, a cujas obras êle dedicou uma existência inteira de labor inquietante e indefesso, claro está que a influência dêles, fôsse como fôsse, deveria de perdurar no contôrno de sua linguagem e na contextura de seus períodos. João Leda, porém, está imune daquilo que Mario Barreto chamava "o prurido crônico de arcaizar". Não desdenha sistematicamente o arcaísmo, às vezes belo e insubstituível. Mas a êle, tal seja a conjuntura da idéia, apenas recorre na oportunidade precisa, no momento justo, quando a potencialidade do vocábulo moderno lhe não basta para traduzir a tensão dos sentimentos. Outras vezes até, nada obstante a opulência do seu vocabulário, vae rebuscá-lo nos velhos léxicos, para imprimir nobreza à expressão, ao jeito das legendas e dos textos da antiguidade, que eram deliberadamente arcaicos, consoante as afirmações de André Thérive, para que adquirissem maior majestade. De qualquer modo, com a influência clássica ou sem ela, a sua correção de linguagem é impecável. Poucos escritores a têm realizado com tão excessivos requintes. Mas, sobretudo, através daquele estilo, terso como nenhum outro e deserto como poucos, o que impressiona é o imprevisto dualismo do espírito do escritor, vernaculista exigente e amoroso das formas velhas e nobres da língua, a discretar sobre as idéias de hoje, a propósito das opiniões contemporâneas, com tal maneira de dizer, que, paradoxalmente, ao influxo das tonalidades clássicas, redobram de vitalidade.

"Nossa língua e seus soberanos" é uma das mais valiosas contribuições para os estudiosos do idioma. De página a página, dentro das linhas severas de um retrato ou nos meandros de uma psicologia complicada, observa-se a sensibilidade do escritor, que não cuida apenas do sentido exato e do poder interpretativo de cada palavra, para sentir também e reproduzir fielmente as estremeções humanas das figuras que lhe impressionaram a objetiva. Há por todo o volume numerosos problemas de linguagem, da mais viva atualidade e independência de opinião. Mas o livro notável de João Leda não se restringe exclusivamente ao estudo das modernas conquistas da linguagem. O excelente "plaidoyer" de Camilo, que João Leda considera o maior dos clássicos, e os comentários rígidos em tôrno da ortografia de Ruy, bem como as "ripadas" nas leviandades filológicas de Mário Barreto, são dignos de medi-

tados. "O senso crítico dos mestres da língua" afigura-se-nos um estudo de tamanho relevo que só êle merecia um ensaio de mais amplas proporções. O livro de João Leda é uma fonte de sabedoria profunda e inesgotável. Mas os que lhe conhecem o espírito comedido, quase sem entusiasmos, de insaciável curiosidade, espírito frio, delimitado, "extra-dry", sem admirações desordenadas, refratário por instinto ao convencionalismo, sentindo-lhe a vibração de algumas daquelas páginas intensas, deverão ter avaliado como foi grande a emoção do escritor para assim projetar uma vida nos seus tumultos e anfratuosidades. Tivemos essa impressão diante do perfil do Padre Vieira. E' uma projeção integral. João Leda, com a rigidez que lhe caracteriza o estilo, revela para os nossos olhos pasmados a figura convulsionada de jesuita, encarnando-lhe as diáteses morais, como um anatomista disseca um cadaver sôbre a mesa do necrotério. Jamais lhe diminuí a configuração mental. Bem ao contrário, o jesuita, "cujo modesto burel, ocultava, de fato, a organização mais completa de sua época", ainda através de suspeitas atitudes e gestos equívocos, na hipertrofia de um orgulho mórbido e desmesurado, palpita na inquietação daquela formosa alegoria, que João Leda concebeu e realizou com a volúpia estética do seu engenho de artista. Todo o livro é feito assim. Trata-se, indiscutivelmente, de um escritor que sabe pensar e escrever. Temos aqui, referendando o nosso conceito, que nada vale, a opinião categórica de João Ribeiro que, em assuntos de linguagem, vale tudo: "Ainda há pouco, João Leda, da Academia de Letras do Amazonas, enriqueceu a lexicografia com os *Aureos Filões de Camilo*, livro de paciente e admirável esforço, que será um dia aproveitado no Dicionário definitivo da língua comum".

Consideramos "Nossa língua e seus soberanos" um livro modelo no seu gênero. Tudo aí concorreu para irmanar o filólogo ao escritor, que se equivalem prestigiosamente num equilíbrio magnífico de força e de beleza.

NOTAS ACADÊMICAS

A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS está de luto. Sòmente o ano passado, a morte arrebatou-lhe cinco de suas figuras mais eminentes e de maior relêvo no cenário intelectual do país: Miguel Osório de Almeida, Cláudio de Sousa, Getúlio Vargas, Celso Vieira e Roquete Pinto.

A Diretoria da Academia Amazonense de Letras, solidarizando-se com a nossa maior instituição cultural, mandou inserir na ata de seus trabalhos um voto de profundo pesar.

São estas as notas bio-bibliográficas dos acadêmicos desaparecidos:

MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA era ocupante da poltrona nº 22, da qual é patrono José Bonifácio. Doutor em medicina, o ilustre cientista e homem de letras imprimiu à sua obra, tão vasta e respeitável como a de Roquete Pinto, que o recebeu, além da pureza de linguagem, as características notáveis do homem de ciência. Daí a sua consagração acadêmica em 3 de novembro de 1935. Deixou para o nosso patrimônio cultural preciosos elementos de estudo, tais como o "Tratado Elementar de Fisiologia", "Homens e Coisas da Ciência", "Duzentas Memórias e Notas" e ainda "Vulgariização do Saber", esta última obra considerada a mais importante de tôdas.

Luís Viana Junior, festejado escritor bahiano, foi indicado para substituí-lo.

CLAUDIO DE SOUZA, eleito em 28 de Agosto de 1924 para a cadeira nº 29, da qual é patrono Martins Pena, fundador Artur Azevedo e sucessor Vicente de Carvalho. Foi recebido em 28 de Outubro do mesmo ano. Literato por excelência, no teatro encontrara o gênero de sua maior predileção, dedicando-lhe a maior parte das obras que escreveu.

Sua vaga foi preenchida por Josué Montelo, nome destacado nas letras contemporâneas.

GETÚLIO VARGAS foi eleito em 7 de Agosto de 1941 para a cadeira nº 27, cujo patrono é Tomaz Antônio Gonzaga, fundador Silva Ramos e sucessor Alcântara Machado. Ninguém ignora a sua alta projeção nos círculos políticos e intelectuais da nacionalidade. Tôda a rumorosa história de sua vida, que culminou com a tragédia do seu suicídio, foi uma permanente preocupação dos jornalistas e escritores da época, colo-

cados em função do regime instituído em 10 de Novembro de 1937.

Foi recebido pelo sr. Ataulfo de Paiva. Para substituí-lo a Academia elegeu uma das figuras mais fulgurantes do jornalismo brasileiro — o sr. Assis Chateaubriand.

CELSO VIEIRA, o admirável prosador de "Anchieta", do "Endimião", de "O Semeador" e de "Vernhagem", foi eleito a 20 de Julho de 1933 para a poltrona nº 38, cujo patrono é Tobias Barreto. Foi empossado a 5 de Maio de 1934, sendo recebido por Aloísio de Castro. Celso Vieira foi uma das figuras de prola da Academia, sendo considerado o maior estilista nacional destes últimos tempos. A Academia não escolheu ainda o seu substituto.

ROQUETE PINTO foi o terceiro ocupante da 17ª cadeira do Silogeu, tendo como patrono Hipólito da Costa Pereira Furtado de Mendonça. Recebido a 3 de Março de 1928 por Aloísio de Castro. Doutor em medicina fez da ciência o principal e talvez o único motivo de sua existência. Entre as obras de sua autoria, destacam-se "Contribution à l'anatomie comparée des races humaines", "Elementos de mineralogia", "Ensaio de antropologia brasileira", "Rondonia", e muitos outros, sendo esta última tida como a mais famosa e de maior divulgação.

—oOo—

ESCRITOR PAULA BARROS — Foi eleito presidente da Sociedade de Artistas Brasileiros o nosso ilustre sócio correspondente dr. Carlos Marinho de Paula Barros, figura de excepcional relevo nas esferas culturais metropolitanas. Paula Barros, além de muitos livros em prosa e verso que lhe enobrecem a bibliografia, é o autor renomado da versão brasileira das partituras do "Guarany" e "Lo Schiavo", de Carlos Gomes.

—oOo—

Foram agraciados com o *brevet* da sociedade literária e artística "Ordre Balzacien du Cheval Rouge", fundada em 1837, em Paris, os acadêmicos Pericles Moraes e Mário Ypiranga Monteiro.

—oOo—

É nosso único representante e procurador especial, no Rio de Janeiro, o escritor Raul de Azevedo, que pertence ao quadro dos membros efetivos de nossa Academia.

REVISTA DA ACADEMIA

VIDA ACADÊMICA

(VISÃO RETROSPECTIVA)

ANO DE 1948

- 14 de Fevereiro — Posse do acadêmico Mário Ypiranga Monteiro na cadeira de **Barão do Rio Branco**. Saudou-o o acadêmico Huascar de Figueiredo.
- 10 de Abril — Eleição dos acadêmicos Leôncio de Salignac e Sousa, Felix Valois Coelho e Aristophano Antony.
- 20 de Maio — O dr. Manuel Garcia Viñolas, adido cultural da Embaixada Espanhola no Rio de Janeiro, pronuncia uma conferência no Silogeu, desenvolvendo o tema "Três estados da alma na pintura espanhola". Saudou-o o acadêmico André Vidal de Araújo.
- 3 de Julho — Posse do acadêmico Felix Valois Coelho na cadeira de **Machado de Assis**. Saudou-o o acadêmico João Leda.
- 7 de Agosto — Posse do acadêmico Djalma Batista na cadeira de **José Veríssimo**. Recebeu-o o acadêmico André Vidal de Araújo.
- 9 de Outubro — Posse do acadêmico Leôncio de Salignac e Sousa na cadeira de **Francisco de Castro**. Saudou-o o acadêmico Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro.
- 18 de Outubro — Sessão solene comemorativa do Centenário da Cidade de Manaus. Foi orador o acadêmico Huascar de Figueiredo.
- 3 de Novembro — Falece em Manaus o acadêmico Adriano Augusto de Araújo Jorge, presidente da Academia.
- 26 de Novembro — Falece no Rio de Janeiro o acadêmico Leopoldo Péres.
- 30 de Dezembro — Sessão solene consagrada à memória do acadêmico Adriano Augusto de Araújo Jorge. Oradores: acadêmicos Leôncio de Salignac e Sousa e Djalma Batista.

ANO DE 1949

- 15 de Janeiro — Eleição do acadêmico Jorge Carvalhal. O acadêmico Pericles Moraes é aclamado presidente da

REVISTA DA ACADEMIA

- Academia, em sucessão ao acadêmico Adriano Augusto de Araujo Jorge.
- 23 de Fevereiro — Falece em Manaus o acadêmico Huascar de Figueiredo.
- 2 de Abril — Sessão solene consagrada à memória do acadêmico Leopoldo Péres. Orador: acadêmico André Vidal de Araújo.
- 19 de Maio — Sessão solene consagrada à memória do acadêmico Huascar de Figueiredo. Oradores: acadêmicos Felix Valois Coelho e Mário Ypiranga Monteiro.
- 13 de Agosto — Posse do acadêmico Aristophano Antony na cadeira de **B. Lopes**. Saudou-o o acadêmico Pericles Moraes.
- 29 de Outubro — Eleição dos acadêmicos Antônio Mavignier de Castro e padre Raimundo Nonato Pinheiro.
- 3 e 4 de Novembro — Sessões solenes comemorativas do centenário de nascimento de Ruy Barbosa. Oradores: acadêmicos Pericles Moraes, João Leda, Aristophano Antony, André Vidal de Araujo, Djalma Batista e Leôncio de Salignac e Sousa.
- 23 de Novembro — Falece no Rio de Janeiro o acadêmico Vivaldo Lima.
- 15 de Dezembro — Posse do acadêmico Jorge Carvalhal na cadeira de **Eduardo Prado**. Saudou-o o acadêmico Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro.

ANO DE 1950

- 10 de Janeiro — Posse do acadêmico padre Raimundo Nonato Pinheiro na cadeira de **Afonso Arinos**. Saudou-o o acadêmico Djalma Batista.
- 21 de Janeiro — O escritor francês Jean Foresta pronuncia uma conferência sobre os poetas Maurice de la Tour du Pin, Guillaume Apollinaire e Pierre Emmanuel. Apresentou o orador o acadêmico Pericles Moraes.
- 4 de Fevereiro — Eleição dos acadêmicos Washington Cesar Mello, Ormando Sobreira de Sampaio, Moacyr Rosas e Hugo Bellard.
- 18 de Março — Posse do acadêmico Hugo Bellard na cadeira de **Anibal Teófilo**. Saudou-o o acadêmico padre Raimundo Nonato Pinheiro.
- Falece em Manaus o acadêmico eleito Ormando Sobreira de Sampaio.

REVISTA DA ACADEMIA

- 15 de Abril — O advogado dr. Francisco das Chagas Printes pronunciou uma conferência no Silogeu, combatendo a pretendida inferioridade mental dos homens de côr. Apresentou-o o acadêmico Pericles Moraes.
- 6 de Maio — Posse do acadêmico Antônio Mavignier de Castro na cadeira de Torquato Tapajós. Saudou-o o acadêmico Aristophano Antony.
- 28 de Outubro — Posse do acadêmico Moacyr Rosas na cadeira de **Adolfo Caminha**. Saudou-o o acadêmico Felix Valois Coelho.

ANO DE 1951

- 3 de Maio — Eleição da nova Diretoria para o quinquênio 1951-1956, assim constituída: presidente — Pericles Moraes; vice-presidente — João Leda; secretário-geral — Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro; 1º secretário — padre Raimundo Nonato Pinheiro; 2º secretário — Moacyr Rosas; bibliotecário — Washington Cesar Mello; tesoureiro — Moacyr Rosas.
- 9 de Junho — O advogado dr. José de Castro Monte pronuncia uma conferência no Silogeu, apreciando assuntos folclóricos. Apresentou-o o acadêmico Pericles Moraes.
- 14 de Julho — Eleição dos acadêmicos Sadoc Pereira e José de Castro Monte.
— Eleição dos sócios correspondentes Pascoal Bandeira Moreira, Enzo Oscar de Almeida, Rafael Corso, Gastão Bittencourt, Vicente Mendonça, Guilherme Giese e Rafael Gonzales Sol.
- 27 de Julho — A Academia recebe a visita de uma caravana universitária da Faculdade Católica de Filosofia, de Fortaleza. Os visitantes foram saudados pelo acadêmico padre Raimundo Nonato Pinheiro. Fêz uma preleção o professor Dioclécio Ferro, que discorreu sôbre a influência de Petrarca na lírica portuguesa.
- 10 de Agosto — Eleição dos acadêmicos Geraldo Pinheiro e João Mendonça de Souza.
- 15 de Setembro — Eleição dos acadêmicos Mithridates Alvaro de Lima Corrêa e Genesino Braga.

REVISTA DA ACADEMIA

ANO DE 1952

- 29 de Setembro -- O acadêmico Djalma Batista pronuncia uma conferência sob o título "Itinerário Transandino".
- 26 de Janeiro -- Posse do acadêmico João Mendonça de Souza na cadeira de **Tomás Lopes**. Saudou-o o acadêmico João Leda.
- 13 de Fevereiro --- O acadêmico Pericles Moraes, devendo ausentar-se para o Rio de Janeiro, transmite a presidência do sodalício ao acadêmico João Leda.
- 20 de Maio --- Posse do acadêmico Genesio Braga na cadeira de **Oswaldo Cruz**. Saudou-o o acadêmico Mavignier de Castro.
- 8 de Junho --- Posse do acadêmico Sadoc Pereira na cadeira de **Joaquim Nabuco**. Saudou-o o acadêmico André Vidal de Araujo.
- 25 de Setembro --- Posse do acadêmico José de Castro Monte na cadeira de **França Junior**. Saudou-o o acadêmico Mário Ypiranga Monteiro. (Posteriormente, por solicitação do acadêmico José de Castro Monte, a Academia concedeu-lhe outro patrono: **Capistrano de Abreu**).
- 14 de Novembro --- Posse do acadêmico Mithridates Alvaro de Lima Corrêa na cadeira de **Sousa Bandeira**. Saudou-o o acadêmico padre Raimundo Nonato Pinheiro.

ANO DE 1953

- 11 de Janeiro --- O acadêmico Pericles Moraes reassume a presidência da Academia.
- 21 de Janeiro --- Eleição do sócio correspondente Carlos Marinho de Paula Barros.
- 27 de Janeiro --- O escritor Eduardo Prado pronuncia uma conferência no Silogeu. Fêz a apresentação do conferencista o acadêmico Mário Ypiranga Monteiro.
- 13 de Abril --- O escritor equatoriano Enrique Mosquera pronuncia uma conferência no Silogeu subordinada ao tema "Paralelo entre Juan Montalvo e Ruy Barbosa". Saudou-o o acadêmico padre Raimundo Nonato Pinheiro.
- 19 de Maio --- Eleição do acadêmico Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano.
- 21 de Outubro --- Posse do acadêmico Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano, na cadeira de

REVISTA DA ACADEMIA

- Euclides da Cunha.** Saudou-o o acadêmico Alvaro Botelho Maia.
- 24 de Novembro — Eleição dos sócios correspondentes Serge Deborbieux e Eugenio de Láscaaris Comueno.
- O acadêmico Mário Ypiranga Monteiro assume interinamente a secretaria da Academia, na ausência do acadêmico padre Raimundo Nonato Pinheiro, que viajara em gôzo de férias para o Rio de Janeiro.
- 9 de Dezembro — Sessão solene consagrada à memória de Leopoldo Neves, grão-benemérito desta Academia — Oradores: acadêmicos Mithridates Corrêa, Mavignier de Castro, Moacyr Rosas, Genesino Braga, Castro Monte, Felix Valois Coelho, Djalma Batista e Dom Alberto Gaudêncio Ramos.

ANO DE 1954

- 2 de Janeiro — Os acadêmicos padre Raimundo Nonato Pinheiro e João Mendonça de Souza são recebidos na Federação das Academias de Letras do Brasil, no Rio de Janeiro. Saudou os visitantes o acadêmico Raul de Azevedo, tendo agradecido o padre Raimundo Nonato Pinheiro. A sessão foi presidida pelo desembargador Carlos Xavier Paes Barreto.
- 10 de Abril — O acadêmico padre Raimundo Nonato Pinheiro, representando a Academia Amazonense de Letras, profere na Federação das Academias de Letras do Brasil uma conferência intitulada "Panorama Intelectual do Amazonas". Saudou-o o acadêmico Raul de Azevedo. A sessão solene foi presidida pelo desembargador Florêncio de Abreu.
- 15 de Junho — Eleição dos sócios correspondentes Augusto Linhares, Deoclydes de Carvalho Leal e Povina Cavalcanti.
- 18 de Junho — O acadêmico padre Raimundo Nonato Pinheiro reassume a secretaria do Silogeu.
- O professor Philippe Greffet, secretário-geral das Alianças Franco-brasileiras, profere uma conferência no Silogeu subordinada ao tema "L'esprit de Paris". Saudou-o em francês o acadêmico padre Raimundo Nonato Pinheiro.
- 18 de Setembro — Aposição solene do retrato de Leopoldo Péres no

REVISTA DA ACADEMIA

- Salão de Conferências da Academia, doação do dr. Francisco Vieira de Alencar. Oradores: acadêmico Mithridates Alvaro de Lima Corrêa e dr. Pereira da Silva, que falou, agradecendo, em nome da Valorização da Amazônia.
- 20 de Novembro — Sessão solene comemorativa do XVI centenário de nascimento de Santo Agostinho, Bispo de Hipona e expressão culminante das letras cristãs. Orador: acadêmico Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano.
- 4 de Dezembro — Eleição dos sócios correspondentes Byron de Oliveira, Dolor Barreira, Monsenhor João de Barros Uchôa e Monsenhor João Clementino de Mello Lula.
- 23 de Dezembro — Eleição do acadêmico Thiago de Mello para a cadeira de **Tito Livio de Castro**. Fez a saudação o acadêmico Djalma Batista.

OFERTAS À NOSSA BIBLIOTECA

A Academia Amazonense de Letras recebeu, e penhoradamente agradece, as seguintes obras: "Em louvor do Paraná" (Francisco Leite e Phocion Serpa); "Rosa de Sombra" (Ilka Sanches); "Francisco Otaviana" (Phocion Serpa); "Apóstolos do Sonho" (Flávio de Paula); "Legendas de Glória" (C. Paula Barros); "Teatro Brasileiro" (Hermógenes Viana); "O Real e o Ilusório" (Ivan Golenistchev Kutusov); "Pó do Deserto" (Assad Amadeu); "O Sindicato no Brasil" (Segadas Viana); "Desabafo" (Euler Ribeiro do Couto); "O Hóspede e a Ilha" (Colombo de Sousa); "Francisco Mangabeira" (Otávio Mangabeira); "Roteiro de Portugal" (Domingos da Cunha Gonçalves); "Leopoldo Péres" (Pericles Moraes); "O Exemplo de Leopoldo Neves" (Pericles Moraes); "Panorama Intelectual do Amazonas" (Padre Raimundo Nonato Pinheiro); "Dom José Pereira Alves" (Padre Raimundo Nonato Pinheiro); "Brega de Libertad" (Manuel Sanguily); "Trabajos Científicos" (José Estevez); "Poesias de la Patria" (José Fornaris); "Apuntos Biograficos y Discursos" (Tomas Romay); "Boletim da Associação Comercial do Amazonas"; "Revista da Academia Maranhense de Letras"; "Atenéia (Órgão da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul); "Histórico do Centro de Letras do Paraná" (Leonor Castellano); "Um Mestre no Jornalismo" (Raul Gomes); "Acordes" José Gelbucke); "Cigarro" (Luísa Steudel Iversen); "Velas Pandas" (Aluísio Ferreira de Abreu); "Cômoros de Areia" (Elias Karam); "Flores Agrestes" e "Contas Perdidas" (Licinha Fernandes).

QUADRO DOS SÓCIOS CORRESPONDENTES

PARÁ — Artur Cesar Ferreira Reis, Edgard Proença, Paulo Eleuterio, Romeu Mariz e Arthur Napoleão de Figueiredo.

MARANHÃO — Antônio Bona.

CEARÁ — Byron de Oliveira, Dolor Barreira e Raimundo Girão.

RIO GRANDE DO NORTE — Henrique Castriciano.

PERNAMBUCO — Mário Mello.

ALAGOAS — Carlos Garrido, Cruz Oliveira, Jayme d'Altavilla, Lima Junior, Luís Accioly, Ranulfo Goulard, Rosália Sandoval e Virgílio Guedes.

SERGIPE — Luís José da Costa Filho.

BAHIA — José de Figueiredo Lobo.

RIO DE JANEIRO — Albertina Berta, Aluísio de Castro, Antônio Austregésilo, Augusto Linhares, Ataulpho Nápoles de Paiva, Carlos de Araujo Lima, Carlos Marinho de Paula Barros, Cláudio de Araujo Lima, Deoclides de Carvalho Leal, Francisco Vieira de Alencar, Gustavo Barroso, Heitor Beltrão, Heitor Péres, João Maranhão, Luís Felipe Vieira Souto, Odilon Lima, Oswaldo Orico, Pascoal Bandeira Moreira, Paulo Coelho Netto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Ribeiro Couto, Rosalina Coelho Lisboa Larragoite, Severino Silva, Sílvio Júlio, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, Violeta Branca e Virgílio Barbosa.

ESTADO DO RIO (Niterói) — Monsenhor João de Barros Uchôa e Monsenhor João Clementino de Mello Lula.

SÃO PAULO — Francisco Azzi, Mário Cardim e Pinheiro Junior.

PARANÁ — J. M. de Santa Ritta.

PORTUGAL — Gastão Bittencourt, João de Barros, Júlio Dantas e Meyer Garção.

ESPANHA — Eugênio de Láscaris Commeno, Guillermo de Torre e Ramon de Valle-Inclan.

FRANÇA — Serge Deborbieux.

ITÁLIA — Rafael Corso.

PERÚ — Carlos Rey de Castro, Enrique Bustamante y Ballivian, Oscar Miro Quesada e Teodosio Cabada.

BOLÍVIA — Alcides Arguedas.

COLOMBIA — Cornelio Hispano e Guilherme Valencia.

EQUADOR — Wenceslau Pareja (Guayaquil).

URUGUAI — Carlos Reyles e Emilio Oribe.

ARGENTINA — Enrique de Gandia e Manuel Ugarte.

MÉXICO — Vicente Mendoza.

ALEMANHA — Guilherme Giese.

SÃO DOMINGOS — Americo Lugo.

CUBA — Antônio Iraizoz



Composta e impressa nas Oficinas Gráficas da TIPOGRAFIA FENIX
Sergio Cardoso & Cia. Ltda.
(EDITORES)

Rua Joaquim Sarmiento, 78

Manaus — Amazonas